



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EVELYN MARIA ALEXANDRE DA SILVA LIMA
KAROLAYNE ALVES DOS SANTOS

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO E AS INFLUÊNCIAS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO BREJO PARAIBANO**

BANANEIRAS

2020

EVELYN MARIA ALEXANDRE DA SILVA LIMA

KAROLAYNE ALVES DOS SANTOS

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO E AS INFLUÊNCIAS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO BREJO PARAIBANO**

Monografia de graduação apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Cristiana
Barbosa

BANANEIRAS

2020

Ficha Catalográfica elaborada na Seção de Processos Técnicos
Biblioteca Setorial de Bananeiras - UFPB/CCHSA
Bibliotecária-Documentalista: Bruna Moraes – CRB 15/813

L732r Lima, Evelyn Maria Alexandre da Silva

As relações de gênero e as influências na escolha profissional de jovens no ensino médio do brejo paraibano / Evelyn Maria Alexandre da Silva Lima, Karolayne Alves dos Santos. – Bananeiras: [s.n], 2020.

68 f.; il.

Orientador.: Rita Cristiana Barbosa.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - UFPB/CCHSA.

1. Identidade. 2. Cultura. 3. Trabalho. 4. Carreiras. 5. Relações de gênero. 6. Ensino médio. I. Santos, Karolayne Alves dos. II. Barbosa, Rita Cristiana. III. Universidade Federal da Paraíba. III. Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias. IV. Título.

UFPB/CCHSA/BS

CDU 37 (043)

EVELYN MARIA ALEXANDRE DA SILVA LIMA

KAROLAYNE ALVES DOS SANTOS

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO E AS INFLUÊNCIAS NA ESCOLHA
PROFISSIONAL DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO DO BREJO PARAIBANO**

Monografia de graduação apresentada ao Curso de Pedagogia, do Departamento de Educação, do Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, da Universidade Federal da Paraíba, como Trabalho de Conclusão de Curso, sendo requisito parcial para a obtenção do título de Pedagoga.

RESULTADO: Aprovado NOTA: 9,6

Bananeiras, 30 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rita Cristiana Barbosa (orientadora)
DE/CCHSA/UFPB



Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho
DHP/CE/UFPB



Profa. Dra. Fabrícia Sousa Montenegro
DE/CCHSA/UFPB

Dedicatória

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus, pois sem ele nada seria possível em nossas vidas, dedicamos a nossa família que foi um dos pilares de nossa formação pessoal, também dedicamos o trabalho uma a outra, pelo companheirismo de todos esses anos e pelo apoio recíproco. Agradecemos a orientadora Rita Cristiana Barbosa, por toda dedicação e paciência.

AGRADECIMENTOS

Eu, Karolayne, agradeço primeiramente a Deus que iluminou, guiou e deu forças durante toda essa jornada. A meus pais, principalmente minha mãe Ana Cristina Clementino dos Santos, que em todos os momentos de incerteza e angústia foi meu porto seguro e ombro amigo. À professora Rita Cristiana Barbosa, por todos os ensinamentos, oportunidades e confiança depositada em mim, pois durante todo o percorrer do curso jamais me desamparou. À Evelyn Maria Alexandre da Silva Lima, por todos os momentos de companheirismo desde o início do curso até a conclusão do mesmo. Agradeço ao GEPETIC, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação, que me acolheu durante toda minha jornada na UFPB. Este grupo acrescentou muito à minha formação acadêmica. Outro pilar fundamental para minha formação foram os programas de licenciatura, extensão, iniciação à docência e científica, dos quais fiz parte como: PROLICEN, PROBEX, PROEXT e CNPq/MCTIC nº 31/2018 “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”. Estes projetos serviram como inspiração para este trabalho de conclusão de curso. Também agradeço às escolas que nos aceitaram de portas abertas para a realização da pesquisa e aos sujeitos que colaboraram com a mesma. E por último, mas não menos importante, agradeço aos demais professores do curso de Pedagogia do CCHSA, por todo conhecimento ministrado durante essa caminhada.

Eu, Evelyn, agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não somos capazes de realizar nada, quero agradecer à UFPB, por meio do CCHSA, pelo amadurecimento profissional e todas as oportunidades de crescimento oferecidas pela instituição. Sou grata pela minha grande amiga, Karol, parceira de TCC e de vida, por todo o apoio doado todos esses anos e também à professora Rita Cristiana Barbosa, nossa orientadora, pela paciência, pelas risadas e por me acolher de braços abertos.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo compreender como as influências sociais podem intervir as escolhas de carreiras de jovens do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas nas cidades de Bananeiras e Belém, do Estado da Paraíba. A pesquisa foi de abordagem qualitativa, de cunho exploratório e de campo, com método de análise textual discursiva. Para coletar os dados realizamos um questionário pré-teste com todos os estudantes dos 3º anos das duas unidades escolares, um total de cento e quinze (115) estudantes. Em seguida, selecionamos vinte e um (21), sendo onze (11) estudantes de Bananeiras e dez (10) de Belém, por meio de amostragem não probabilística intencional, para a efetivação de uma entrevista semiestruturada acerca das perspectivas profissionais. A análise das influências percorreu, principalmente, no âmbito das relações de gênero e sexismo, e como a sociedade vem, historicamente, impondo padrões de comportamento e determinando escolhas. Para reconhecer tais influências discorremos sobre a história de vida dos sujeitos entorno de seus sonhos, vontades, lembranças e como o meio sociocultural deles afeta nas escolhas profissionais e pessoais, e quais impactos as relações de gênero apresentam em suas decisões. Refletimos acerca das influências presentes na construção do gênero dentro da cultura patriarcal e como tal construção social sugere desigualdades entre os gêneros, também abordaremos sobre o domínio sócio histórico da figura masculina, divisão sexual do trabalho e conceitos como: estereótipo, sexismo, machismo, feminismo e gênero, nos pautamos nas obras de Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir, Gilda Olinto, Fúlvia Rosemberg, Tina Amado entre outras. Os resultados apontam que a família e a escola exercem influências na construção do pensamento sobre a realidade em volta e o mundo e nas escolhas de jovens sobre o que querem ser e fazer na vida. Essas influências podem ser positivas, quando oferecem liberdade e apoio, ou negativas quando estão fundadas em conceitos cristalizados e sexuados e destroem sonhos e vontades. Conclui-se que o processo de escolha profissional é parte da formação identitária do sujeito e que fatores externos podem moldar comportamentos estereotipados e que, nesse sentido, a escola tem grande responsabilidade de romper o binarismo profissão de mulher x profissão de homem durante o processo de formação humana por ela oferecida.

Palavras-Chaves: Identidade. Cultura. Trabalho. Carreiras. Relações de gênero. Ensino médio.

ABSTRACT

The present work has the aim of understanding how social influences can intervene in the career choices of young people in the 3rd year of high school in two public schools in the cities of Bananeiras and Belém, in the State of Paraíba. The research was of a qualitative approach, exploratory characteristics and field research, with discursive textual analysis method. To collect the data, we carried out a pre-test questionnaire with all students of the 3rd years of the two school units, a total of one hundred and fifteen (115) students.

. Then, we selected twenty-one (21), eleven (11) students from Bananeiras and ten (10) from Belém, through intentional non-probabilistic sampling, to carry out a semi-structured interview about professional perspectives. . Then, we selected twenty-one (21), eleven (11) students from Bananeiras and ten (10) from Belém, through intentional non-probabilistic sampling, to accomplishing a semi-structured interview about professional perspectives.

The analysis of influences covered, mainly, in the scope of gender and sexism relations, and how society has historically been imposing patterns of behavior and determining choices. To recognize such influences, we discuss the life history of the subjects surrounding their dreams, desires, memories and how their socio-cultural environment affects their professional and personal choices, and what impacts the gender relations have on their decisions. We reflect on the influences present in the construction of gender within the patriarchal culture and as such social construction suggests inequalities between genders, we will also address the socio-historical domain of the male figure, sexual division of labor and concepts such as: stereotype, sexism, machismo, feminism and gender, we are guided by the works of Pierre Bourdieu, Simone de Beauvoir, Gilda Olinto, Fúlvia Rosemberg, Tina Amado among others. The results show that the family and the school have influence in the construction of thinking about the reality around and the world and in the choices of young people about what they want to be and do in life. These influences can be positive, when freedom and support are offered, or negative when they are based on crystallized and sexualized concepts and destroy dreams and desires. It is concluded that the professional choice process is part of the subject's identity formation and that external factors can shape stereotyped behaviors and that, in this way, the school has a great responsibility to break the binary profession of women x profession of man during the process of human formation offered by it.

Key words: Identity. Culture. Job. Careers. Gender relations. High school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 O patriarcado e o sexismo na cultura brasileira.....	14
2.2 As relações de gênero e o mercado de trabalho	18
2.3 Escolhas de carreiras profissionais na juventude	21
3 METODOLOGIA	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
4.1 Caracterização dos sujeitos	28
4.2 Escolhas de carreira (sonho, desejo e motivação)	35
4.3 Influência nas escolhas profissionais	39
4.3.1 Apoio familiar e escolar	43
4.3.2 Preconceito e desmotivação	45
4.4 Concepção de preconceito, discriminação, estereótipos	48
4.5 Carreiras e relações de gênero	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a escolha de carreiras profissionais entre jovens de escola pública na cidade de Bananeiras/PB e Belém/PB e o objetivo de analisar a influência da cultura sexista na escolha profissional de jovens. Diante disso, a problemática da pesquisa é: como a cultura sexista e patriarcal influencia na perspectiva profissional de alunos e alunas do ensino médio no Brejo Paraibano?

O desejo e a motivação para escrever sobre o tema decorre de alguns fatores. O principal deles surge com a experiência no projeto “Meninas na Computação: despertando vocações através da capacitação em tecnologia com foco na prevenção da violência contra a mulher”, que compõe a chamada pública do CNPq/MCTIC nº 31/2018, “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”. A instituição responsável pelo projeto é a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), através do Centro de Informática (*campus V*) e de Ciências Sociais, Humanas e Agrárias (*campus III*), que o concretiza em escolas públicas de Ensino Médio em algumas cidades do Estado. Na região do *campus III* ele ocorre em duas escolas a citar: Escola Cidadã Integral José Rocha Sobrinho, na cidade de Bananeiras/PB e Escola Cidadã Integral Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, na cidade de Belém/PB. O projeto tem como objetivo incentivar meninas do ensino médio de instituições públicas, através de capacitação por meio de oficinas, a ingressarem em carreiras e cursos tidos como masculinos, principalmente nas áreas de TI e ciências exatas¹.

No decorrer do projeto em questão, percebeu-se a necessidade de se aprofundar acerca da história de vida de jovens do Ensino Médio, para assim, averiguar como estereótipos sociais impostos pela sociedade vem influenciando, ou não, nas escolhas de carreiras profissionais dos sujeitos, pois em algumas atividades foi possível constatar que as meninas, assim como os meninos, sofrem preconceitos com relação as suas escolhas profissionais, que acabam não se adequando aos estereótipos sociais e ao que seus familiares esperam ou desejam.

¹ Outros projetos envolvendo a mesma temática foram desenvolvidos em Bananeiras em 2016 e 2017, pelo PROEXT e PROBEX, tendo as autoras desse trabalho na equipe de execução.

Primeiramente, é necessário ter em mente que durante a formação escolar, a criança é, a todo momento, bombardeada com preconceitos de gênero, desde como brincar e com que brincar até o modo de se portar socialmente. Levando em consideração que de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2013), a partir da lei nº 12.796, a educação básica é obrigatória desde os 4 até os 17 anos, sendo assim, o indivíduo deve passar, em média, 13 anos dentro de uma instituição escolar, formando-se de acordo com as concepções sócio históricas, esses princípios geralmente colocam a mulher inserida em um mundo de opressão e exploração.

Segundo Rosemberg e Amado (1992), culturalmente as mulheres são ensinadas, durante a trajetória de suas vidas, a responsabilizar-se de situações flexíveis e são estimuladas a prezar por sapienciais relacionadas ao cuidado e a sensibilidade, este fato cria uma tendência onde as mulheres se interessarem mais por profissões associadas ao cuidado, enquanto os homens são estimulados a crescer financeiramente e a procurar carreiras que proporcionem poder.

Sendo assim, o tema em questão demonstra alta importância, pois historicamente a sociedade impõe padrões de comportamento que acabam por influenciar nas escolhas profissionais de ambos os sexos. Desta forma, a disparidade nas escolhas profissionais entre homens e mulheres mostra-se, ainda, com grande influência sexista.

Dentre os elementos que podem ser considerados grandes influenciadores da escolha profissional estão: a escola, a família, os amigos, a situação social e as relações de gênero. Este último é bastante relevante, pois as relações de gênero demonstram um grande peso quando se trata de escolha profissional, devido a padrões sociais, de que determinada carreira é vista como “masculina” ou “feminina”.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2002) quantitativo de mulheres que entram nas universidades é superior ao dos homens, mas a realidade é invertida quando são analisados os dados de pós-graduação e a inserção no mercado de trabalho, ou seja, a mulher pode até frequentar um curso de formação, mas não continua ou não se firma no mercado. Outro ponto importante a se frisar é que de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, em 2009 (no Brasil), a renda da mulher branca correspondia a 55% da renda média do homem branco,

havendo assim, grande discrepância quanto ao salário proporcionado a ambos os gêneros.

Além disso, são atribuídas ao sexo feminino e ao masculino características que são ditas como biológicas para fundamentar estereótipos sexistas, como por exemplo: a mulher é responsável pela reprodução, automaticamente se pressupõe que a mesma possui um instinto materno, e desta forma são consideradas melhores em certos afazeres que estão relacionados ao cuidado, também são vistas como sentimentais por razão dos hormônios sexuais femininos, já os homens, por outro lado, são vistos como melhores em áreas que envolvam cálculos, devido ao lado direito de seu cérebro ser mais desenvolvido (quem disse isso?). Todas estas crenças acabam por interferir na escolha de cursos de nível superior e carreira profissional.

Galisa (2005) afirma que os dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - revelam que há uma tendência dos cursos nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais, Linguística, Letras e Artes, atraírem mais mulheres do que homens. Já nas áreas de ciências exatas, o número de homens chega a ser quase o dobro, um pouco mais de oito mil mulheres contra quinze mil homens. Atualmente a disparidade de gênero no mercado de trabalho vem sendo dia após dia superada, mas ainda notamos que as mulheres não têm os mesmos direitos que os homens, pois ainda existem salários diferenciados de acordo com os sexos, além de, geralmente, mulheres e homens só cursarem cursos que são vistos como ideais de acordo com o gênero de cada um.

Esses são alguns dos reflexos do preconceito e dos estereótipos criados pela sociedade desde os tempos remotos.

Levando em consideração todos esses fatores, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar a influência da cultura sexista na escolha profissional de jovens de duas escolas do brejo paraibano. Como objetivos específicos tivemos: conhecer a história de jovens do 3º ano do ensino médio, demonstrar as relações de gênero presentes no meio sociocultural desses/as jovens e identificar as escolhas profissionais dos jovens.

Esta monografia está organizada da seguinte maneira: no capítulo dois realizamos a fundamentação teórica do trabalho, este capítulo está dividido em três tópicos: 2.1 O patriarcado e o sexismo na cultura brasileira; 2.2 As relações

de gênero e o mercado de trabalho; 2.3 Escolhas de carreiras profissionais na juventude. Em seguida, no capítulo três discutimos sobre a metodologia utilizada na pesquisa, desde os meios de coleta de dados, os sujeitos participantes da pesquisa, o local onde a mesma foi realizada e a forma como analisamos estes dados. O capítulo quatro trata dos resultados e discussões da pesquisa, o mesmo possui cinco tópicos e dois subtópicos, sendo eles: 4.1 Caracterização dos sujeitos; 4.2 Escolhas de carreira (sonho, desejo e motivação); 4.3 Influência nas escolhas profissionais; 4.3.1 Apoio familiar e escolar; 4.3.2 Preconceito e desmotivação; 4.4 Concepção de preconceito, discriminação e estereótipos; 4.5 Carreiras e relações de gênero. E por fim, o capítulo cinco trata das considerações finais do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O patriarcado e o sexismo na cultura brasileira

O patriarcado possui como característica principal a dominação, construindo uma relação de poder, caracterizado pela “possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria” (WEBER, 1991, p. 187), ou seja, no sistema patriarcal a figura central opera sua vontade sobre os demais, essas relações de poder perpassam ao contexto familiar, onde o marido é visto como figura total de poder sobre sua esposa, filhos e filhas.

A dominação patriarcal ocorre da seguinte forma: o chefe de família, o pai ou marido, se apresenta como detentor do poder e sua autoridade é legitimada pelo costume, pela tradição, e sua função é manter a paz, a estabilidade e a ordem. Todos os demais membros da família ou agregados se subordinam a tal poder e a existência deles gira em torno do serviço ao senhor. Entretanto, o sistema de dominação patriarcal não está presente apenas no âmbito familiar, mas sim em toda dinâmica social, estando presente até no subconsciente de homens e mulheres (WEBER, 1991).

A cultura patriarcal possui grande influência nas desigualdades entre homens e mulheres no Brasil. Nestas últimas décadas houve diversas conquistas que tentam cessar essa cultura, como a evolução dos direitos das mulheres e o progresso nas questões de gênero. Entretanto, ainda vemos muitas mulheres restringirem suas atitudes e tomadas de decisões de vida devido a este regime patriarcal. Godelier (2004), baseado em novas descobertas antropológicas, aceita a hipótese de que em todas as sociedades, mesmo as mais igualitárias, sempre existiu uma hierarquia de poderes, segundo a qual os poderes finais pertencem aos homens, ou seja, estas concepções machistas estão enraizadas devido às influências sociais do patriarcado nas relações de gênero.

O domínio do homem sobre a mulher advindo do sistema patriarcal não é uma questão de formações sociais simples, pelo contrário, é o resultado de uma diferenciação estrutural de culturas cada vez mais desenvolvidas desde o ponto de vista da divisão social das funções e dos trabalhos, assim como afirma RADL:

É na verdade em sociedades que têm uma diferenciação estrutural, organizacional e institucional cada vez mais complexa quando você pode ver que o papel social da mulher está subordinado à função social masculina, estabelecendo as estruturas patriarcais que, em suma, caracterizam a todas as culturas, políticas, econômicas e socialmente mais diferenciadas e sofisticadas com instituições políticas e legislativas, como é o caso das sociedades de fenícios, gregos e romanos (RADL-PHILIPP, 2013, p. 12).

Atualmente essa visão patriarcal ainda predomina na sociedade, o homem ainda tem a figura da mulher como sua propriedade, sendo assim “dono” dela, segundo Aguiar (1997, p. 175):

A teoria feminista tem contribuído para essa constatação [referida à predominância do arbítrio pessoal em detrimento de regras igualitárias, característica do patriarcado] ao discutir a previsão weberiana sobre a predominância de regras universalistas na Economia e na esfera administrativa que eliminariam critérios particularistas no setor capitalista e na esfera estatal, ante a notável evidência de discriminações contra as mulheres, produtos das relações de gênero, ou, em outras palavras, das relações patriarcais que ainda se sustentam na vida contemporânea.

Estas teorias feministas nos fazem enxergar que o sistema patriarcal não é algo que está diminuindo com o passar dos anos, mas na verdade, suas raízes continuam impregnadas mesmo nos tempos modernos, e suas características continuam a se disseminar através da sociedade. É possível observar diariamente como as mulheres ainda são negadas a viver livremente, onde as mesmas são, muitas vezes, forçadas socialmente a se vestir e se portar de determinada maneira, onde são inclusive proibidas de garantir sua própria renda de subsistência, sendo obrigadas a se sujeitar às vontades do cônjuge para assegurar sua sobrevivência.

Atualmente a opressão social vivida pelas mulheres se baseia, também, na opressão econômica, onde as capacidades de trabalho femininas são subjugadas e reduzidas, fazendo com que as mulheres tenham que ser submissas aos homens.

Ainda possuímos um modelo público baseado no patriarcado que tem poder sobre as relações de gênero, principalmente a respeito das mulheres, pois perpetua o controle e a subordinação das mulheres de forma coletiva, seja no mercado de trabalho ou até mesmo através dos serviços de assistência do Estado.

Com a difusão do modelo patriarcal, o sexismo se tornou algo comum no dia a dia do povo brasileiro. Em suma, o sexismo é a discriminação sobre um

indivíduo de acordo com o seu gênero; em que habitualmente um sexo é considerado inferior ao outro. De acordo com Ferreira (2004), o sexismo é um instrumento utilizado pelo homem para garantir as diferenças de gênero, principalmente quando se trata do desmerecimento do sexo feminino.

A cultura sexista está introduzida em nossa sociedade de forma natural. Desde antes do nascimento de uma pessoa os familiares já implantam expectativas para o(a)s bebês de acordo com o sexo das crianças: das meninas espera-se que sejam frágeis e delicadas e que ajudem nas tarefas domésticas, já dos meninos se espera que gostem de futebol, que sejam muito ativos e tenham muitos amigos. A partir dessas concepções impostas desde à infância são criados e implantados estereótipos do que é “certo” e “errado” para cada sexo.

O termo estereótipo vem das palavras gregas *stereo* (rígido) e *tipo* (traço), e refere-se a “tornar fixo, inalterável” (FERREIRA, 2000), ou seja, os estereótipos são um processo de formação de um preconceito, onde se cria conjuntos de avaliações morais e instrumentais acerca de um indivíduo.

Em diversas situações não percebemos atitudes em que o sexismo encontra-se presente. Um exemplo prático é quando separamos o gênero por cor, ou quando classificamos brincadeiras por sexo. Baseado nestes tipos de comportamentos e visões estereotipadas criamos uma sociedade preconceituosa e sexista. O sexismo – aquela ação preconceituosa que gera discriminação baseada nas diferenças de sexo – frequentemente resulta de ideias milenares e estereotipadas do que seria o feminino e o masculino em nossa sociedade (ALBERNAZ; LONGHI, 2009; MORENO, 1999; VIANA; RIDENTI, 1998).

Ao educarmos crianças, com base na diferenciação social de acordo com o gênero, restringimos as oportunidades de cada um e acabamos por colaborar com a preservação da desigualdade social. Não é segredo que homens e mulheres realmente apresentem diferenças biológicas e inclusive físicas de acordo com o seu sexo e estrutura hormonal, entretanto, essas diferenças limitam-se apenas aos órgãos genitais e ao aparelho reprodutivo, que às vezes somadas a questões como costumes, aptidões e hábitos podem parecer mais ou menos evidentes ou desencadear outras sutis diferenças. É importante frisar, no entanto, que a construção de gênero é sociocultural, ou seja, não se baseia em características naturais e imutáveis, e sim as concepções e predefinições aplicadas em um sujeito com base no seu sexo. Biologicamente somos todos mulheres ou homens,

se somos cisgênero² ou nos identificamos com o gênero oposto àquele “designado” para o sexo que temos, é outra questão. O gênero diz respeito a diferenças construídas socialmente, que podem variar de acordo com a cultura e atribui um papel social ao homem e à mulher. Foucault (1986) ressalta que o termo sexualidade surgiu no século XIX, desta forma referente às sociedades modernas e pós-modernas, entretanto, atualmente existem diversos outros tipos de designação sexual e de gênero.

No Brasil, realizamos a manutenção de uma educação sexista, racista e discriminatória dentro do âmbito escolar, quando na verdade deveríamos educar as crianças para que tenham pensamentos e condutas em prol da valorização e do respeito.

A escola deveria ser o espaço onde se superam as desigualdades, mas a experiência histórica constata que este ambiente tem realizado uma função seletiva, reproduzindo desigualdades de classe, raça/etnia e sexo/gênero. Segundo Carvalho (2006) a disparidade de gênero vem sendo continuamente perpassados nos contextos das várias instituições e práticas sociais, informalmente e inconscientemente, desde a vivência familiar e, sobretudo, na escola, ambiente este que visa preparar para o trabalho.

Comumente as crianças são ensinadas sobre o que seria ou não correto de acordo com o gênero de cada uma. No ambiente escolar é reforçado os estereótipos de gênero, neste âmbito são designadas as disciplinas adequadas para cada sexo. Para as meninas são atribuídas disciplinas consideradas “moles”, ligadas a área de humanas, já os meninos são tidos como melhores em disciplinas “duras” como matemática e física.

Bourdieu (1999, p. 102-103) propõe que a “(re)construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e divisão geradores dos gêneros” se dá contraditoriamente pelas “transformações dos mecanismos e das instituições encarregadas de garantir a perpetuação da ordem dos gêneros”. É a partir do âmbito educacional, familiar e social que se devem começar as mudanças para que de fato tenhamos uma igualdade de gênero.

² Indica uma pessoa que tem anatomia, sexo e biologia alinhados com o gênero ao qual se identifica. Cisgeneridade é a condição da pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Por exemplo, alguém que se identifica como mulher e foi designada como mulher ao nascer é uma mulher cisgênera (Ver: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cisgeneridade>)

Todo esse processo de formação desde a escola, a família e a sociedade em si acabam por influenciar nas escolhas de ambos os sexos para muitas coisas na vida, o jeito de ser e se comportar, os lugares a frequentar, a maneira de falar e até mesmo a carreira profissional a seguir. Pesquisas revelam que as mulheres “tendem a seguir, em todos os níveis de ensino, cursos impregnados de conteúdo humanístico” (ROSEMBERG & AMADO, 1992, p. 65), pois são pouco estimuladas a gostarem de disciplinas duras/“hard” na escola básica, assim como homens tendem a seguir carreiras na área de exatas, pois desde a infância são persuadidos a gostarem de disciplinas desta área. O contrário disso causa estranhamento e discriminação.

De acordo com a Constituição Federal de 1988 ressalta-se a defesa ampla dos direitos “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 2001, Art. 3), contudo, a maioria das regulamentações constitucionais na esfera educacional aborda a perspectiva de gênero submissa à percepção geral de direitos e valores, ou seja, o assunto contém pouco impacto nos currículos para que haja uma real mudança na igualdade de gênero.

No entanto, a igualdade entre os sexos e o asseguramento da autonomia das mulheres tornou-se um compromisso estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) onde entende-se a igualdade como um elemento fundamental para o empoderamento das mulheres, garantindo que as mesmas possam controlar suas próprias vidas (ONU, 2019).

2.2 As relações de gênero e o mercado de trabalho

Socialmente aprendemos que nossas diferenças sexuais biológicas trazem consigo modos e padrões de comportamento, ou seja, somos ensinados culturalmente sobre o que é correto para a mulher e para o homem. São essas distinções que criam as representações de gênero, sendo assim, as relações de gênero estão diretamente interligadas ao modo como a sociedade enxerga os papéis de ambos os sexos.

Tanto as mulheres quanto os homens, crescem em ambientes que geralmente não estimulam a quebra dos padrões instituídos pela sociedade de acordo com o gênero de cada indivíduo. Esses padrões acabam por desvalorizar o

sujeito, principalmente as mulheres, pois as mesmas participam de uma segregação que as obriga a realizarem escolhas de vida diferentes das dos homens, tornando-as subordinadas ao sexo masculino no âmbito profissional (OLINTO, 2011), ou seja, o desprestígio chega a ser ainda maior quando relacionado ao mercado de trabalho.

Observa-se ainda hoje a persistência da sexualização/generificação das carreiras, da divisão de conhecimento e do trabalho de acordo com o gênero, da segregação das mulheres a ocupações desvalorizadas, precárias e mal pagas, reforçando a invisibilidade do trabalho feminino (ROSEMBERG, 2002). Em geral, a presença das mulheres continua reduzida nos campos da ciência, tecnologia, política, altos negócios e nos cargos de chefia (HIRATA, 2002).

A divisão sexual do trabalho acaba ocorrendo devido a vários fatores, sendo os principais deles a responsabilização das mulheres para o cuidado das crianças e realização das tarefas domésticas; a segregação vertical e horizontal de gênero no mercado de trabalho e a diferenciação social das habilidades femininas e masculinas (BETSY WEARING, 1996 *apud* CRANNY-FRANCIS et al., 2003, p. 224-225).

Na sociedade brasileira e contemporânea, o discurso das relações de gênero tem enfrentado a materialização da imagem feminina, ou seja, socialmente a mulher é vista apenas como um corpo a ser mostrado. Nesse caminho histórico a mulher passou por diversas privações, segundo Radl-Philipp (2010) as mulheres foram negadas do direito de ir e vir, foram coagidas a se vestir de determinada maneira, eram negadas a voz e até mesmo meios de ganhar sua própria subsistência, sendo diversas vezes obrigadas a cumprir as vontades de seus maridos, onde eram violadas fisicamente, sexualmente e psicologicamente, negando-lhes até mesmo a educação mínima.

Os homens também sofrem com a influência da sociedade, pois muitas vezes não querem seguir carreiras e cursos ditos “masculinos”, mas por conta de sua família ou de outros fatores acabam por percorrer um caminho que não almejavam. Bourdieu (1999) destaca que, tradicionalmente, os homens detêm o monopólio da criação e da utilização das máquinas e dos objetos eletrônicos, bem como dos postos de autoridade, e por conta disso, devem seguir carreiras nestas áreas em postos de alto poder. Mas será que todos eles querem isso?

É possível averiguar que existem diversas desigualdades entre homens e mulheres. Este fato ocorre principalmente devido às relações de gênero que são fortemente condicionantes desde a infância até as tomadas de decisões futuras de cada indivíduo.

Com a Constituição Federal de 1988 houve o reconhecimento da maternidade como uma função social e de dever do Estado, havendo a criação de pré-escolas, o que significou um avanço para o progresso da igualdade de gênero no Brasil (BRASIL, 2001, Art. 7, XXV, e Art. 208, IV). A partir desse feito a mulher adquire meios para a sua introdução no mercado de trabalho, entretanto, ainda que com essa conquista, muita coisa continuou igual: as mulheres são as principais encarregadas pelas atividades domésticas e dos cuidados com o(a)s filho(a)s, idoso(a)s e pessoas descapacitadas, acarretando uma sobrecarga para aquelas que também buscam realizar atividades empregatícias.

Através do tempo a introdução da mulher no mercado de trabalho é caracterizado pela precariedade. De acordo com o IPEA (2009), a renda da mulher corresponde a 55% da renda média do homem. No mesmo viés, as mulheres são significativamente atingidas pelo desemprego, desde os anos 1990 tem-se observado maiores taxas de desemprego entre elas, do que entre os homens. Ramos e Brito (2003) demonstraram, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego– PME – do IBGE, em seis regiões metropolitanas do país, que entre 1991 e 2002 houve um aumento da participação das mulheres entre os desempregados: que passou de 39%, em 1991, para 46%, em 2002.

Um estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, mostra que as mulheres recebem menos que os homens em todas as carreiras pesquisadas, em média, a mulher recebe 20,5% a menos que o homem em todo o país. Outro dado importante de se frisar nesta pesquisa é que, em 2018, o total de trabalhadores existentes no Brasil era de 56,4 milhões, sendo esse contingente composto por 54,7% de homens e 45,3% de mulheres, mostrando-nos o predomínio masculino nos campos de trabalho.

Neste sentido, é possível observar que as mulheres são inferiorizadas e subordinadas não apenas no âmbito pessoal e social, mas também na esfera do trabalho, onde sua mão de obra não é vista como significativa e sua contribuição não é justamente bem remunerada, quando comparada ao salário masculino.

2.3 Escolhas de carreiras profissionais na juventude

Se de um lado temos a segregação feminina no mercado de trabalho, do outro lado temos jovens prestes a entrar no nicho empregatício, em que com a pouca idade e maturidade se veem em uma posição crítica de escolha de parte de seu futuro. Desta forma, são socialmente obrigados a decidirem a profissão de suas vidas em uma fase geralmente conturbada. Müller (1988) afirma que durante a adolescência o jovem busca responder a duas perguntas básicas: “QUEM SOU EU?” e “QUEM SEREI EU?”, o que pode implicar em uma revisão do seu autoconceito, a partir de uma reavaliação de si mesmo e, enfim, um comprometimento com sua identidade.

A adolescência, momento onde o(a) jovem vivencia diversos conflitos internos, gerando uma mudança de opinião constante, acaba por dificultar uma tomada de decisão mais séria e quase que definitiva.

Bohoslavsky (2003, p.77) afirma que “a escolha não é um momento estático no desenvolvimento de uma pessoa, ao contrário, é um comportamento que se inclui num processo contínuo de mudança da personalidade”, ou seja, conforme o(a) jovem vai mudando de opinião ele(a) também transforma suas escolhas com relação ao campo profissional e a outros campos, e estas mudanças muitas vezes sofrem influência de fatores externos.

Ao escolher sua profissão, o indivíduo não é totalmente livre, sofrendo muitas influências do ambiente familiar, social, dos amigos, da escola, da mídia, como também não é totalmente submisso diante da escolha. Por isso ao realizar uma escolha profissional, é importante o autoconhecimento, a clareza acerca de suas preferências pessoais e profissionais, perceber e trabalhar as influências familiares e sociais, além de buscar obter mais conhecimento acerca das profissões e do mundo do trabalho (SOARES, 2002, p. 47).

A escola tem um importante papel nesta tomada de decisão e na construção da identidade do sujeito, pois é um espaço onde o indivíduo passa grande parte de sua vida. Silva, Vieira e Pinto (2011) afirmam que a escola tem um papel fundamental na conscientização da pessoa para o exercício da cidadania e qualificação profissional. No entanto, normalmente esta instituição não estimula o(a) jovem para um processo de autoconhecimento. Dentro da instituição básica de ensino alunos e alunas geralmente não são questionados(a)s sobre quem ele(a)s são ou sobre o que ele(a)s querem ser. Apenas assuntos teóricos

sobre matemática, física, química são estudados. Diante disso vem o questionamento: se a escola não está preparando o sujeito para a vida e para o trabalho, então, para que ela serve?

Porém, a escolha deve ser feita, e essa decisão se baseia em quem nós somos, para onde queremos ir e nos limites que foram empregados pela sociedade sobre até onde podemos ir. No caso dos homens, os mesmos são estimulados a buscar poder e ascensão profissional, já as mulheres são, normalmente, incitadas a escolherem carreiras relacionadas ao cuidado, a estabilidade, e isso é visto como suficiente.

Para que ocorra a decisão da escolha de carreiras, o(a) jovem não tem apenas as suas expectativas, mas também leva em consideração as expectativas de seus familiares e as expectativas de toda a sociedade.

Geralmente a família tem um poder muito relevante nesta tomada de decisão por parte do(a) adolescente, pois o jovem cria projetos de vida com base na aprovação de sua família. Esses projetos de vida descritos por Lucchiari (1997) dependem das expectativas dos pais, das mães e dos filhos e filhas em relação ao futuro, nos seus aspectos conscientes e inconscientes, das motivações e desejos dos genitores em relação à escolha profissional. Estes acabam por criar projetos para os filhos e filhas que orientam-se por duas lógicas contraditórias: a primeira, de reprodução, em que o desejo da família é ver o filho e a filha dando continuidade à sua própria história e, a segunda, de diferenciação, em que desejam que os filhos e as filhas realizem tudo o que ele(a)s próprios não puderam realizar.

Outro aspecto demasiadamente importante para a escolha do(a) jovem com relação a sua identidade ocupacional e profissional é o fator econômico em que se encontra e a sua realidade social, pois geralmente o(a)s jovens de classe média alta têm maiores possibilidades de atingir suas metas, devido ao poder capital que lhes oferece desde cedo uma educação de qualidade, enquanto o(a)s jovens de classe inferior se adaptam geralmente às oportunidades que aparecem, muitas vezes, se inserindo diretamente no mercado de trabalho, devido às suas condições de vida (ABRAMO, 1997).

Com relação a essa construção da identidade ocupacional, Lisboa (1997) afirma que a mesma está diretamente vinculada à identidade pessoal, pois ambas incluem todas as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida. Sendo

assim, a identidade ocupacional forma-se através da auto percepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência, principalmente no que diz respeito a figuras significativas, como pais, mães, familiares, professore(a)s etc. (LISBOA, 1997).

Quando o(a)s adolescentes não são realmente motivado(a)s a descobrirem o que são e o que querem fazer, a possuírem uma identidade, a escolha profissional acaba por se tornar uma urgência. Quando o indivíduo não realiza tal escolha antes do término do ensino médio ele é coagido a sentir que está perdendo tempo, e é nestes momentos de angústia que o(a) jovem acaba se sujeitando a decisões de terceiros, seja de sua família, amigos, ou até aos estereótipos sociais.

Quando se trata da escolha profissional, o(a) adolescente deve optar não só por um curso ou por uma atividade de trabalho, mas também por um estilo de vida, uma rotina, o ambiente do qual fará parte. Enfim, decide não só o que quer fazer, mas também o que quer ser (FILOMENO, 1997).

De acordo com Bohoslavshy (1975), a escolha é predeterminada por vários fatores além de nós mesmos, ela pode estar relacionada a família, a estrutura educacional, aos meios de comunicação e também a posição e estrutura social, como já citado anteriormente. Desta forma, pensar no ser humano como algo separado do meio social é impossível, pois muitas vezes não desejamos ser algo, e sim ser alguém que as pessoas se orgulhem.

Sendo assim, o(a) jovem, ao escolher sua profissão, pensa em diversos outros pontos do que apenas em sua vontade pessoal, e dentro desses pontos, um dos mais predominantes na sociedade são os estereótipos de gênero que cada profissão carrega. Quando pensamos em gênero e identidade de gênero falamos principalmente da existência de masculinidade e feminilidade, e conseqüentemente relacionamos o gênero aos desempenhos dos papéis sociais, ou seja, acreditamos que existem qualidades masculinas e qualidades femininas, sendo assim, são atribuídas qualidades relacionadas com o sexo para determinar um melhor desempenho em determinada profissão. Comumente as áreas de licenciatura são ocupadas por mulheres, principalmente na educação infantil, onde muitas vezes, os próprios pais das crianças não se sentem confortáveis em deixar seus filhos com professores do sexo masculino, em contrapartida, muitas pessoas

também não confiam em mecânicas mulheres, simplesmente pela atribuição social de gênero para as profissões.

Logo, o trabalho, não é considerado necessário apenas pelas contribuições para a comunidade, mas engloba também um conjunto de expectativas sobre o papel do sujeito no meio social. Consequentemente, a escolha profissional de jovens não é, nem de longe, uma tarefa fácil, além de toda pressão pessoal para realizar a escolha que guiará sua vida, ainda existe a imposição familiar, social, religiosa e ideológica para moldar essa escolha.

3 METODOLOGIA

O trabalho em questão surge como monografia para o curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, campus III, e tem como tema “as influências das relações de gênero na escolha profissional”. A problemática busca discutir sobre como a cultura sexista influencia na perspectiva profissional de jovens paraibano(a)s.

O estudo foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica, em artigos e livros sobre escolha profissional, orientação vocacional, sociologia, educação e estudos de gênero. Também houve a análise de leis a respeito de inclusão e igualdade social.

Quanto à abordagem empírica, esta pesquisa é qualitativa. De com Flick (2009) este tipo de abordagem refere-se a estudos no âmbito social, pois leva em consideração a pluralidade das vidas pesquisadas, e no presente estudo discorreremos acerca das perspectivas e fatos ocorridos na vida dos sujeitos entrevistados.

Quanto aos objetivos é uma pesquisa exploratória, pois busca entender as características que envolvem um determinado fenômeno para que desta forma seja possível encontrar explicações para tais causas (RICHARDSON, 1989).

Escolhemos a pesquisa de campo como parte mediadora deste estudo pois, segundo Fonseca (2002) ela caracteriza-se pelas investigações que vão além das pesquisas bibliográficas. Realizamos a coleta de dados junto aos sujeitos, utilizando os recursos do questionário e da entrevista semiestruturada.

Foram selecionadas duas (2) escolas localizadas no brejo paraibano, a primeira situa-se em Bananeiras/PB e leva o nome de “Escola Cidadã Integral José Rocha Sobrinho”, a segunda encontra-se no município de Belém/PB, a “Escola Cidadã Integral Engenheira Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho”. A pesquisa de campo foi dividida em dois momentos: no primeiro houve a distribuição de um questionário fechado acerca de perspectiva profissional e influência externa; e o segundo foi a seleção da amostragem que melhor se enquadrasse nas questões levantadas no estudo para realizar a segunda etapa da coleta de dados: a entrevista.

Na escola localizada em Bananeiras, realizamos o questionário com um total de 35 meninas e 33 meninos, totalizando 68 sujeitos, com a faixa etária entre

15 e 20 anos, todos cursando o 3º ano do Ensino Médio. Já na segunda instituição de ensino situada em Belém, aplicamos o questionário com 23 moças e 24 rapazes, configurando um total de 47 estudantes, com idades entre 15 a 20 anos de idade, todos, também, no 3º ano do Ensino Médio.

Após o questionário, houve a seleção de 11 estudantes na escola de Bananeiras/PB, sendo 5 meninas e 6 meninos, e na instituição de Belém/PB foram selecionados 10 discentes, 5 meninos e 5 meninas, para realizar a entrevista semiestruturada. A seleção do(a)s candidato(a)s para a entrevista semiestruturada ocorreu por meio de 2 critérios: 1) as carreiras que meninos e meninas pretendem seguir e; 2) a opinião pessoal de como a sociedade influencia na escolha de profissões e sobre os preconceitos profissionais que ambos os gêneros sofrem.

Dessa forma, optamos por uma amostragem não probabilística, quando apenas alguns membros do universo tiveram a chance de ser entrevistados. Além disso, nossa amostragem foi intencional, porque definimos critérios para a escolha, isto é, “o pesquisador usa o seu julgamento para selecionar os membros da população que são boas fontes de informação precisa” (SCHIFFMAN, L. & KANUK, L. apud OLIVEIRA, 2001, p. 3). Foi o que fizemos.

Após a aplicação do questionário, houve uma entrevista semiestruturada com cada um dos participantes da pesquisa selecionados. A conversa buscou, a todo momento, deixar o(a) entrevistado(a) confortável para responder ou não às perguntas de cunho vocacional, profissional, escolar, de gênero, familiar, de amizades e de participação social. É válido frisar que as respostas foram corrigidas ortograficamente, a fala e o sentido original das falas não foram alterados, apenas colocados nas normas ortográficas da língua portuguesa. Os sujeitos aceitaram participar da pesquisa por meio de consentimento livre e esclarecido e as escolas nos deram anuência para o desenvolvimento da pesquisa.

O método de análise selecionado para a construção do texto foi a análise textual discursiva, de Moraes e Galiazzi (2006). De acordo com os autores, esta análise se baseia em um processo que se inicia com um fracionamento em que separamos os textos em unidades de significado, sempre embasadas por interlocução empírica, interlocução teórica e interpretações feitas pelo pesquisador, deste modo, nosso estudo usa essa voz, mas aborda também a voz

de terceiros para facilitar a compreensão e interpretação dos dados obtidos (MORAES e GALIAZZI, 2006).

A pesquisa se enquadra na análise qualitativa de dados, abordagem que compreende métodos e técnicas interpretativas, que buscam traduzir e expressar o sentido dos fenômenos obtidos através do estudo (MAANEN, 1979). A presente abordagem foi escolhida pois os dados coletados não são mensuráveis numericamente visto que as informações aqui expostas são compostas por sentimentos e percepções pessoais, sendo assim são baseados na subjetividade do sujeito.

Para a interpretação dos dados verificou-se a presença de cinco categorias de análise. O critério de elaboração das mesmas se deu a partir das perguntas realizadas durante a entrevista, isto, a *priori*. As categorias se dividiram da seguinte forma: 4.1 Caracterização dos sujeitos; 4.2 Escolhas de carreira (sonhos, desejos e motivações); 4.3 Influência nas escolhas profissionais; 4.4 Concepção de preconceito, discriminação e estereótipos; 4.5 Carreiras e relações de gênero. Sendo a categoria 4.3 dividida em duas subcategorias, que são: 4.3.1 Apoio familiar e escolar; 4.3.2 Preconceito e desmotivação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização dos sujeitos

Primeiramente, é necessário analisar o perfil dos sujeitos que participaram do questionário pré-teste para que seja possível conhecer a realidade das escolas para que seja possível, antes de tudo, ter uma visão ampla dos indivíduos envolvidos na pesquisa. A primeira análise geral de perfil será dos estudantes do 3º ano da Escola Cidadã Integral José Rocha Sobrinho, localizada no município de Bananeiras/Paraíba, que chamaremos Escola A.

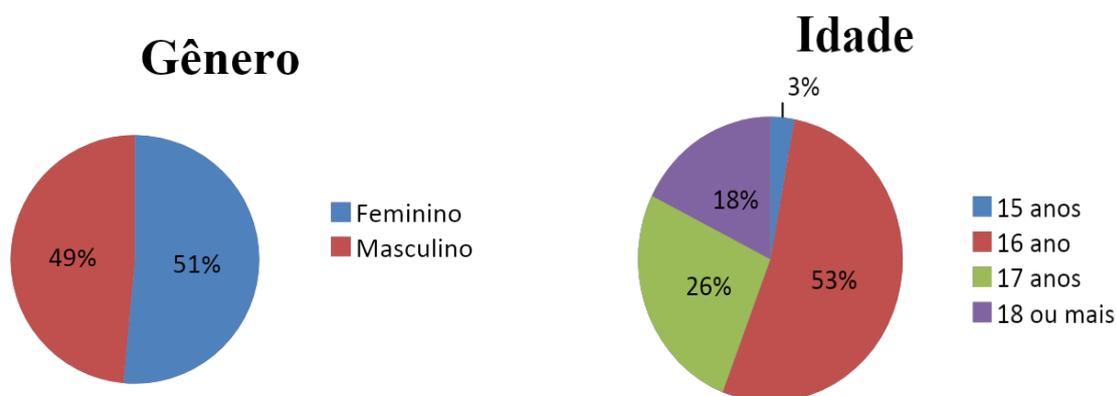


Gráfico 1: demonstrativo do gênero dos sujeitos do 3º ano da Escola A quanto ao sexo
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Gráfico 2: demonstrativo da faixa etária dos sujeitos do 3º ano da Escola A.
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Podemos observar que, a quantidade de meninas e meninos é praticamente a mesma nos 3º anos, onde contamos com 35 mulheres e 33 homens, contabilizando uma defasagem de apenas 2 indivíduos para uma igualdade percentual dos alunos nesta instituição de ensino.

Já a defasagem de idades entre os estudantes do mesmo ano de ensino é notável. É possível perceber que existem aluno(a)s com idades entre 15 e 18 anos ou mais. Na Escola José Rocha Sobrinho, nos 3ºA e 3ºB obtivemos dois (2) estudantes com 15 anos; trinta e seis (36) com 16 anos; dezoito (18) com 17 anos; e doze (12) com 18 anos ou mais, a partir deste dado pode-se concluir que nesta instituição a maioria dos discentes do 3º ano possuem 16 anos.

Uma das questões do pré-teste é o favoritismo de disciplinas, nessa questão o sujeito poderia marcar mais de uma alternativa de acordo com as suas preferências pessoais. O resultado das escolhas por sexo está demonstrado a seguir:

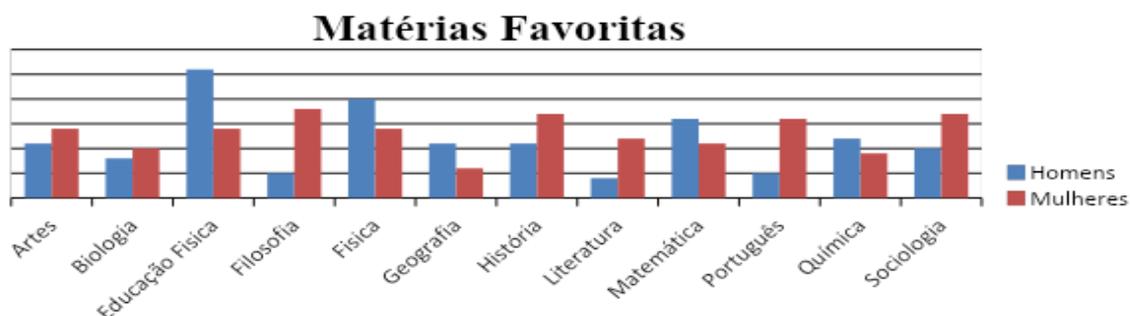


Gráfico 3: demonstrativo do universo da Escola A quanto a preferência de matérias de estudo
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

É notória a propensão feminina para matérias da área de humanas, como artes, filosofia, história, literatura, português e sociologia e os rapazes escolhem as matérias voltadas para a área de exatas, como: física, matemática e química. Um dado interessante, mas que condiz com a construção cultural, foi que os homens demonstraram maior inclinação ao favoritismo de esporte (educação física). Santos, Cardoso e Sousa (2019, p. 57) adverte que o esporte “não pode ser separado de forma sexista, devendo principalmente nas aulas de educação física incluir meninos e meninas” e as meninas devem ser incentivadas ainda mais, “visto que elas são as mais excluídas”. Talvez, um dado como o encontrado, quando quase o dobro de meninos tem preferência pela educação física, seja sinal de que essas aulas estão se dando de forma sexista e sem incentivo para elas. No questionário, também houve a questão sobre as disciplinas que os estudantes demonstravam maior dificuldade pessoal. O gráfico a seguir demonstra as respostas:

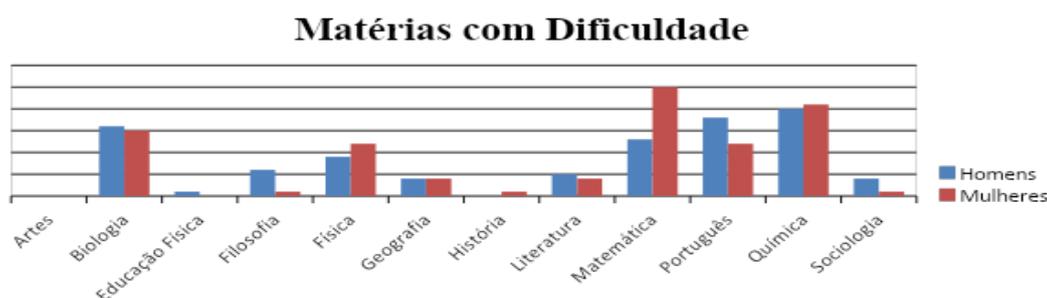


Gráfico 4: demonstrativo do universo da Escola A quanto às matérias de maior dificuldade
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

O primeiro aspecto notável na análise do gráfico é que os estudantes verificam maior simpatia com as matérias do que demonstram dificuldade com as mesmas, ou seja, constatamos que existe mais propensão a predileção de matérias do que aversão, o gráfico se mostra muito mais vazio que o anterior. Entretanto, em disciplinas de exatas, como matemática e física, as mulheres da escola em questão apresentam maior dificuldade, e as áreas de humanas, como português, sociologia, filosofia e literatura os rapazes expressam maior revés. Reafirma-se assim, a predileção das mulheres por ciências humanas e a dos homens por áreas de exatas, pois de acordo com o Censo da Educação Superior de 2015, no top 10 carreiras preferidas por homens e mulheres no Brasil, das 10 carreiras preferidas pelas mulheres, cinco (5) eram na áreas de ciências humanas, três (3) nas áreas de exatas e duas (2) em áreas das ciências biológicas; já no top 10 dos homens, sete (7) profissões eram nas áreas de exatas, duas (2) nas ciências biológicas e apenas uma (1) das profissões era nas ciências humanas (EXAME, 2016).

O último aspecto geral do perfil dos participantes do pré-teste a ser analisado da escola de Bananeiras/PB é a escolha de curso que os sujeitos pretendem seguir. No questionário indagamos a primeira e a segunda opção de curso, ambos os dados foram computados no mesmo gráfico. Nos gráficos a seguir, os cursos foram separados por área de conhecimento: ciências exatas, ciências humanas e ciências biológicas.

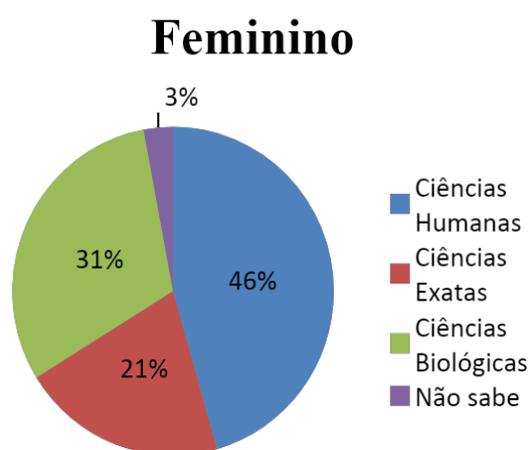


Gráfico 5: demonstrativo do público feminino da Escola A quanto as áreas das carreiras que desejam seguir
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

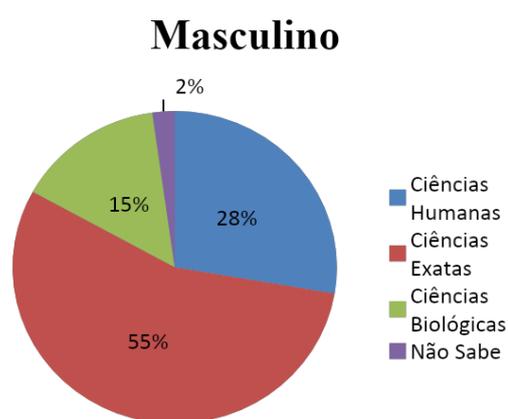


Gráfico 6: demonstrativo do público masculino da Escola A quanto as áreas das carreiras que desejam seguir
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

O primeiro gráfico a ser analisado são os cursos escolhidos pelas meninas. Podemos observar que praticamente metade das participantes do pré-teste pretendem seguir carreira na área de Humanas, contabilizando 46% (31 votos); seguindo de 31% (21 votos) de moças que escolheram profissões na área das ciências biológicas; 21% (14 votos) planejam seguir a área de exatas; e apenas 3% (2 votos) não sabem que profissão seguir.

O segundo gráfico relacionado com carreira que vamos analisar é o das escolhas dos meninos. É evidente a inclinação a cursos na área de exatas, onde mais da metade dos participantes escolheram essa área de atuação, contabilizando 55% (30 votos) para cursos de exatas; 28% (15 votos) para cursos de ciências humanas; 15% (8 votos) para cursos na área biológica; e apenas 2% não sabem qual curso seguir.

Quando comparados ambos os gráficos temos a discrepância de 46% na escolha de cursos na área de ciências humanas pelas mulheres contra apenas 28% da mesma escolha realizada por homens, em contrapartida temos 55% das escolhas em cursos nas áreas de exatas realizadas por homens versus 21% da mesma área escolhida pelas mulheres. Podemos notar que ainda é desproporcional a escolha de carreiras em ambas as áreas de conhecimento, tanto por homens quanto por mulheres para que seja possível atingir a equidade de gênero nas profissões.

A segunda análise de perfil dos sujeitos do 3º ano será da Escola Cidadã Integral Engenheira Márcia Guedes Alcoforado de Carvalho, localizada no município de Belém/Paraíba.

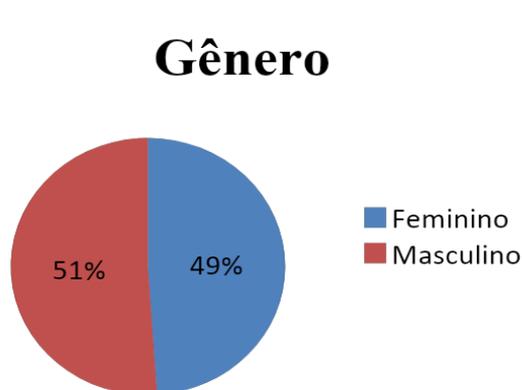


Gráfico 7: demonstrativo do gênero dos sujeitos do 3º ano da Escola B.
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

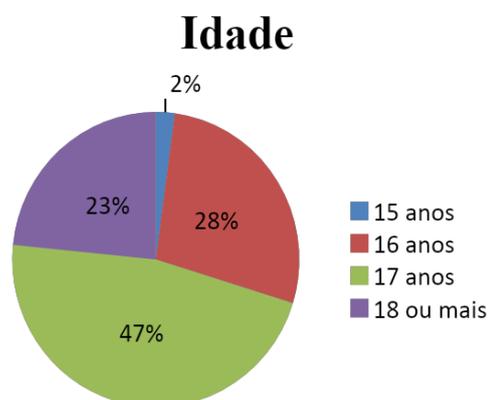


Gráfico 8: demonstrativo da faixa etária dos sujeitos do 3º ano da Escola B.
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Podemos observar que em Belém, a quantidade de meninas e meninos é praticamente equivalente nos 3º anos, onde contamos 23 meninas 24 meninos, contabilizando uma defasagem de apenas um indivíduo para uma igualdade percentual da turma com relação ao gênero, nesta instituição.

Com relação a idade dos estudantes do mesmo ano de ensino é notável uma variação de idades, pois existem alunos com idades entre 15 e 18 anos ou mais, chegando até mesmo a alunos com 20 anos de idade, um dado a ser ressaltado é que apenas uma (1) discente do sexo feminino possui 15 anos, cerca de treze (13) alunos possuem 16 anos, vinte e dois (22) discentes com 17 anos e onze (11) alunos com 18 ou mais. A partir deste dado pode-se concluir que nesta instituição a maioria dos discentes do 3º ano possuem 17 anos.

A respeito da questão elaborada no pré-teste sobre o favoritismo de disciplinas dos alunos, pode-se constatar os seguintes dados:

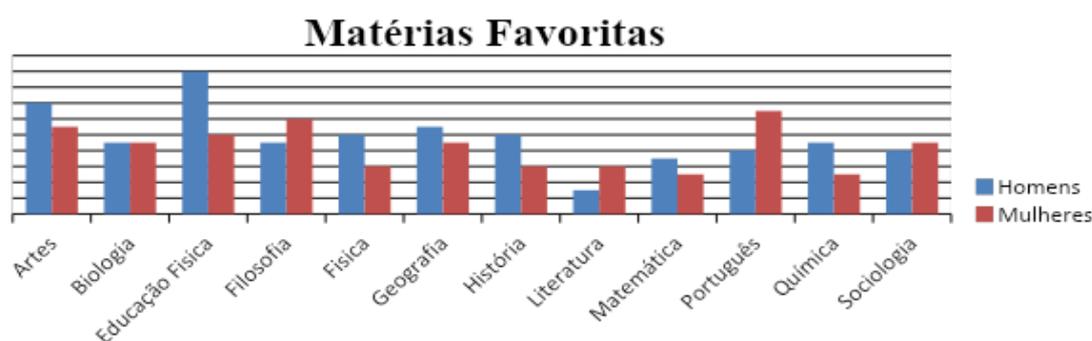


Gráfico 9: demonstrativo quanto a preferência de matérias de estudo dos discentes do 3º ano da Escola B.

Fonte: elaboração das autoras, 2020.

A partir do gráfico pode-se observar que, na matéria de educação física a predominância do favoritismo masculino é notável, este fato pode ser consequência dos estereótipos instituídos pela sociedade, de que o sexo masculino é o possuidor de força física e habilidades com relação a esse aspecto, e as meninas são o sexo frágil Scraton (1992 *apud* ESPLENDOR, 2008, p.10) reafirma este ideal em sua fala “quanto à sexualidade das meninas, levam-nas a evitar jogos que tenham ‘contato físico’ ou certa dose de ‘agressividade’”.

Além disso, notamos que as disciplinas de filosofia, literatura, português e sociologia são as mais apreciadas pelo sexo feminino, ou seja, matérias da área de humanas, entretanto, os meninos desta instituição também mostraram grande interesse por essa área nas disciplinas de artes, geografia e história, diferindo da

Escola A. Porém, apenas o gênero masculino mostrou maior entusiasmo nas áreas de exatas. Souza (2006), por meio de um riquíssimo estudo, demonstra que a maioria das “histórias” contadas nas instituições de ensino são sobre matemáticos, os teoremas que conhecemos levam nomes de homens, como o Teorema de Pitágoras, a Fórmula de Euler, a Regra de Cramer, o Teorema de Tales, dentre tantos outros, este pode ser um fato que colabora para que as mulheres não se sintam capazes de se aprofundar na área de exatas.

No questionário, também houve a questão sobre as disciplinas que os estudantes sentiram maior dificuldade pessoal, em Belém obtivemos as seguintes respostas:

Matérias com Dificuldade

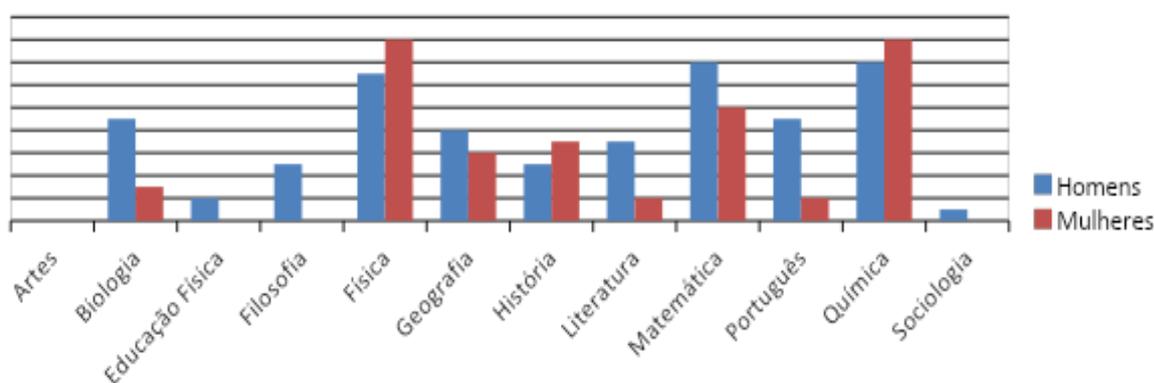


Gráfico 10: demonstrativo do universo da Escola B quanto às matérias de maior dificuldade
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Este gráfico demonstra uma situação equiparada entre os gêneros, pois ambos os sexos sentem dificuldades em matérias principalmente da área de exatas, o sexo masculino mostrou maior dificuldade em matemática, já o feminino demonstrou maior dificuldade em física e química, sendo essas as disciplinas com maior acúmulo de votos entre os dois sexos. Ao observar a área de humanas e biológicas, os homens mostram maiores dificuldades nas disciplinas como geografia, biologia, literatura, português e sociologia eles responderam ter dificuldades, este fato pode decorrer devido essas áreas serem tidas como um campo de estudo destinado às mulheres.

O último ponto do questionário a ser avaliado, com relação ao perfil dos sujeitos da escola de Belém/PB, é a escolha de curso ou carreira que os sujeitos

pretendem seguir após o ensino médio. No questionário indagamos a primeira e a segunda opção de curso, ambos os dados foram computados no mesmo gráfico.

Podemos observar nos gráficos 11 e 12 que as meninas pretendem seguir carreiras principalmente na área de Ciências Biológicas, contabilizando 61% (23 votos), seguido de 26% (10 votos) para a área de Humanas e por último 13% (5 votos) almeja seguir a área de Exatas.

Feminino

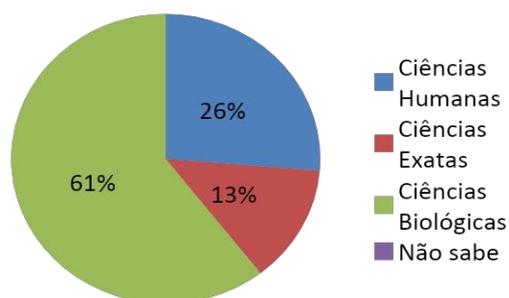


Gráfico 11: demonstrativo do público feminino da Escola B quanto às áreas das carreiras que desejam seguir
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Masculino

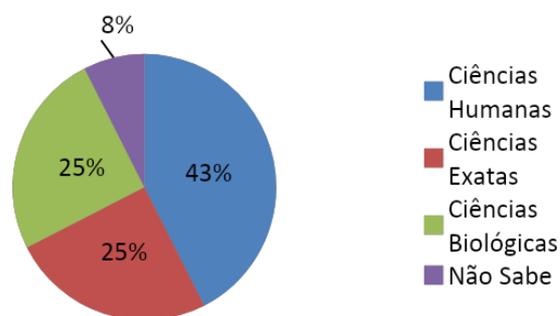


Gráfico 12: demonstrativo do público masculino da Escola B quanto às áreas das carreiras que desejam seguir
Fonte: elaboração das autoras, 2020.

Comparado aos resultados obtidos na Escola A, houve uma pequena diferenciação, pois as alunas de Bananeiras demonstraram maiores preferências para área de Humanas, entretanto, em ambas instituições a área com menos favoritismo pelo sexo feminino foi a de exatas, este fato reforça o preconceito e desencorajamento feminino com a área de exatas, que é tida como uma área majoritariamente masculina.

No próximo gráfico, relacionado às escolhas profissionais do sexo masculino, vemos uma inclinação para a área de Ciências Humanas 42% (17 votos), já as áreas de Ciências Biológicas e Exatas possuem o mesmo percentual 25% (10 votos cada área), apenas 8% (3 votos) dos alunos ainda não sabem quais cursos ou carreiras pretendem seguir.

Isso nos mostra uma grande divergência de opiniões quando comparamos as escolhas do gênero masculino na cidade de Bananeiras e Belém, pois assim como vimos anteriormente na cidade de Bananeiras, a preferência masculina é de cursos na área de exatas, essa discrepância de opiniões pode ocorrer pois além do projeto CNPQ sobre carreiras já citado anteriormente, na Escola de Belém

existe um professor de sociologia realiza diversas palestras sobre relações gênero, desigualdade social, empoderamento feminino, já em Bananeiras nenhum outro professor aborda sobre esses assuntos. Outro fato importante a ser ressaltado, é que apenas os meninos da instituição de ensino localizada em Belém, demonstram uma ligeira indecisão em suas escolhas pelo fato de não saberem ainda qual carreira seguir.

Nos seguintes tópicos analisaremos e discutiremos acerca das entrevistas realizadas com vinte e um (21) jovens das duas escolas.

4.2 Escolhas de carreira (sonho, desejo e motivação)

Quando pensamos em escolhas de carreiras na adolescência é necessário ter em mente que essa fase do desenvolvimento é configurada por turbulências e descobrimento identitário, pois além das transições biológicas que o sujeito sofre, o(a)s jovens também sentem as mudanças e a pressão social. Mesmo que a transição da infância para a vida adulta seja um momento repleto de ansiedades e desejos, o indivíduo tem que lidar com a perda definitiva da identidade infantil, e é justamente nessa perda de identidade que o(a) jovem começa a aprender a lidar com o peso e a importância de suas escolhas.

De acordo com Bohoslavsky (1991), a adolescência é por si só uma fase marcada de indecisões, e cobrar a escolha profissional com o peso de ser uma decisão para a vida toda é praticamente uma tortura para ele(a)s. Ainda segundo o autor, até o sujeito chegar na conquista do poder de escolher ele passa por três etapas: a fase da fantasia, a da tentativa e, por fim, a da escolha realista. Quando se vivencia essas fases, o(a) adolescente usa de seus conhecimentos e necessidades básicas da infância para criar as fantasias, após esse momento ele(a) se questiona sobre as oportunidades reais de realizar tal caminho e só depois chega na etapa realista, onde se estabelece conexões com a realidade para realizar os interesses pessoais (BOHOSLAVSKY,1991).

Neste tópico, discutiremos sobre as falas dos estudantes com relação as escolhas profissionais, quais eram seus sonhos e motivações quando crianças, e analisaremos se estes desejos mudaram, ou não, com o decorrer dos anos. O (a)s jovens pesquisados demonstraram opiniões bem distintas com relação a suas escolhas. Ao iniciar a entrevista procuramos investigar quais eram os sonhos que

tinham quando estavam na fase da infância e se esses desejos mudaram com o passar dos anos, além de quais os motivos de tal ocorrido.

Na cidade de Belém/PB, dos dez (10) entrevistados, seis (6) mudaram de sonhos e perspectivas profissionais com o decorrer dos anos e quatro persistiram até os dias de hoje nas suas escolhas. Os sonhos que persistem em ambos os sexos são bem distintos: Policial, Médico, Veterinário e Ator.

Com relação aos indivíduos que mudaram de opinião com relação a sua profissão, três (3) dos seis (6), atualmente pretendem cursar Medicina, entretanto, ao serem questionados acerca do motivo da mudança de escolha, os mesmos não demonstram clareza, nem firmeza em suas falas:

“Quero Medicina, porque eu gosto”;
“medicina, neurocirurgia, porque eu vejo que é uma área que é carente”;
“medicina, porque, eu tenho uma paixão assim, pela anatomia”.

A partir deste dado, supõe-se uma certa seleção profissional com base no prestígio social com relação ao curso de Medicina. Este fato se deriva da alta preponderância instituída pela sociedade brasileira com relação a essa profissão, além de questões como o poder aquisitivo relacionado à profissão. Coelho (1999) afirma que Medicina, Direito e Engenharia são nomeadas as profissões imperiais em nosso país. Estas profissões, historicamente, produzem práticas de segregação e reforçam posições de prestígio na sociedade.

Vale ressaltar a fala de uma das entrevistadas, pois a mesma se mostra controversa:

“Quando eu era criança eu acho que queria ser atriz, é.... atriz, isso mudou, porque, tipo, é.... eu fui vendo que não estava tendo possibilidade de eu ser, porque eu, tipo, tinha que ir pra São Paulo, Rio de Janeiro, essas coisas, e eu não tenho condições nenhuma”.

Primeiramente, se recorda do sonho de ser atriz, mas afirma que isso mudou devido às suas condições financeiras, em seguida, ao ser questionada sobre qual curso pretende seguir atualmente, a mesma responde que o curso de seu interesse é Medicina, porém, essa profissão também necessita de um certo poder aquisitivo para comprar os materiais necessários para as aulas e até mesmo atuação da profissão.

Além deste fato, a estudante acrescenta a seguinte fala quando a indagamos sobre o motivo de sua escolha por medicina:

“...por tudo, tipo, eu vejo série sobre médico, quando eu vejo o povo colocando a luva eu penso: eu quero”

A partir dessa afirmação notamos que a mesma demonstra interesse pela profissão, devido à atuação das pessoas em séries de TV e isso remete mais uma vez ao seu antigo sonho de ser atriz, desejo este que pode estar internalizado, pois em seu semblante ela ainda demonstra interesse por esse sonho e pensa em atuar como médica como se fosse uma cena de filme, podemos notar uma grande influência da mídia, series de TV sobre médicos/as no sonho desta discente.

Apenas um dos sujeitos fala sobre uma segunda opção de curso que pretende seguir, entretanto, durante a conversa observamos que sua primeira opção de curso está diretamente ligada à segunda:

“Artes cênicas, é uma paixão, mas segunda opção que eu pretendo também é inglês, é uma área que eu gosto muito e que eu tenho curiosidade, porque eu assisto muita série dos Estados Unidos no idioma nativo de inglês, ai eu não gosto de precisar de uma dublagem ou legenda, não quero depender disso, eu quero ser fluente e já também pra ter uma experiência no exterior até mesmo como ator”.

A fala do aluno revela que mesmo ele pensando em uma segunda opção de curso, a mesma está diretamente ligada ao seu sonho que persiste desde a infância, de ser ator, pois ele interliga o inglês ao fato de ver séries, ser fluente e até mesmo de ter uma experiência no exterior atuando.

Um aspecto interessante é que o sonho de uma das entrevistadas da pesquisa, na infância, estava diretamente entrelaçado ao ato do brincar:

“Tudo que a Barbie foi... eu acho que, atriz, é.... atriz”.

Em sua fala, podemos observar que as profissões que ela almejava na infância, foram mudando de acordo com as profissões realizadas pela boneca Barbie, ou seja, diretamente entrelaçado a um brinquedo. As crianças iniciam a fase de tomada de decisões fundamentando suas preferências, primeiro por causa da comida ou dos brinquedos, mais tarde em relação às brincadeiras ou mesmo o que gostam de vestir. Estas decisões podem durar ao longo da vida ou não (MAGNUSON & STARR, 2000). No caso desta entrevista esse sonho não persistiu.

Os cursos e carreiras que o(a)s aluno(a)s pretendem seguir atualmente são: Policial, Medicina, Medicina Veterinária, Artes Cênicas e Ciências Contábeis. Na cidade de Belém podemos constatar que as meninas pretendem seguir

carreiras que são vistas socialmente como masculinas, isto nos mostra que os padrões, aos poucos, estão sendo quebrados. Beauvoir (1967) já afirmava que as mulheres estão destruindo o mito do que é feminino, elas começaram a afirmar sua independência diante do homem, fugindo do destino historicamente pré-definido de apenas se casar e cuidar do lar. Embora vejamos muitos exemplos de mulheres das gerações anteriores nessas condições, as mais jovens têm demonstrado maiores mudanças.

Quando analisamos os sujeitos entrevistados em Bananeiras/PB averiguamos que de onze (11) estudantes, apenas quatro (4) mantiveram os sonhos criados na infância, com relação a profissão que pretendem seguir, sendo as seguintes profissões: Enfermeira, Caminhoneiro, Veterinário e Professor; uma das entrevistadas carrega o sonho de ser enfermeira, pois:

“Desde criança eu queria ser, eu acho que eu nasci pra isso, eu sempre gostei da área da saúde, quando eu ia nos postos de saúde e no hospital eu achava lindo, porque é uma profissão que salva vidas”.

Outro sujeito que manteve sua escolha inicial foi um rapaz que afirma que:

“Desde os meus 5 anos de idade eu queria ser caminhoneiro por conta do meu tio. Eu quero ser caminhoneiro autônomo, não trabalhar para nenhuma empresa, eu mesmo quero arrumar minhas cargas”.

A escolha profissional de sujeitos que se baseiam nas profissões de seus familiares ocorre, pois de acordo com Romanelli (2003) a unidade familiar é o grupo mais importante na transmissão de cultura e ideologia para orientar nos processos de desenvolvimento, dessa maneira, outros estudantes demonstram interesses em profissões relacionadas a suas famílias pelo fato da mesma ser um ponto de apoio e de familiaridade como podemos notar na fala a seguir:

“Eu sempre sonhei em ser professor, sempre quis ser isso, entrei no ensino médio e sempre gostei muito de exatas e quero ser professor de matemática... eu sempre gostei de ajudar as pessoas... e eu gosto da área de exatas aí já me identifiquei por que meu primo também é professor...”.

Os demais entrevistados afirmaram que a perspectiva profissional mudou com o passar dos anos, existem alguns motivos para que isso ocorra, um deles é a criação da noção do real, pois muitas vezes, admiramos uma profissão pelo sujeito que atua nela, não necessariamente a carreira em si. Um dos estudantes que mudou sua escolha profissional depois da infância diz que:

“Eu queria ser o que meu pai era, chefe de manutenção”

E quando questionado o porquê da mudança de carreira o discente afirma:

“Eu vi que com uma profissão diferente eu posso ter uma vida diferente e melhor.”

Segundo Levenfus (1997) quando o jovem chega ao momento de escolher uma profissão ele deve levar em consideração tanto o mercado de trabalho e sua participação nele quando as suas preferências individuais e as expectativas da família, ou seja, por mais que o indivíduo queira seguir a profissão de seus pais por admiração, um outro ponto, tão predominante quando a esfera familiar, é o poder aquisitivo.

De modo geral, as carreiras que as seis (6) meninas de Belém/PB pretendem seguir são: medicina veterinária, enfermagem, engenharia civil, relações internacionais, ciências da computação e pedagogia (professora). Podemos observar que também em Bananeiras/PB as escolhas profissionais das estudantes mulheres mostram-se bem diversificadas, o que acaba por deixar claro que as concepções femininas estão realmente mudando acerca do âmbito de trabalho. Já as escolhas dos cinco (5) rapazes entrevistados são: Engenharia Civil, Professor de Matemática, Caminhoneiro, Hotelaria e Ciências da Computação, onde podemos notar uma maior influência de curso de exatas, reafirmando a preferência profissional masculina nesta área de atuação.

4.3 Influência nas escolhas profissionais

Talvez, o ponto principal que auxiliem os estudantes nas escolhas de vida dos estudantes de ambas escolas é o projeto “Escola Cidadã Integral” que implementa o ensino nas duas instituições de ensino. Este conceito de ensino foi criado pelo educador Paulo Freire, neste modelo de ensino a escola prepara o sujeito para se tornar ativo em suas escolhas. O projeto foi implantado na Paraíba em 2016 pelo Secretário da Educação Aléssio Trindade, e é considerado um programa promissor e revolucionário. O mesmo se caracteriza pelos seguintes pontos: dá autonomia ao estudante de montar sua grade curricular; promove parcerias e programas de estimulação aos professores e alunos; acompanham o desempenho do ensino por meio da secretaria de educação; conta com o ensino médio integral e de formação técnica; promove aulas sobre “projeto de vida” que visa montar um plano com cada um dos discentes acerca de onde eles pretendem

chegar e qual carreira seguir, auxiliando os estudantes para que seja possível o alcance dos objetivos; dentre outros pontos.

Quando analisamos as falas dos estudantes da Escola de Bananeiras, observamos que dez (10) dos onze (11) estudantes entrevistados afirmam que a escola teve influência na escolha profissional, e o papel do projeto “Escola Cidadã” é perceptível. Quando questionamos os alunos se a escola teve algum papel na escolha profissional um dos entrevistados afirma que

“O projeto de vida me ajudou nessa decisão profissional.”

Outro discente também diz que a escola

“Teve uma influência grande!”

E quando questionado(a) o porquê do(a) mesmo(a) acreditar nisso, obtivemos a seguinte resposta:

“A escola foi meio que lapidando o meu projeto de vida, foi dando uma forma que eu não imaginava ser possível...”

Um terceiro discente também diz que:

“A escola ajudou muito na minha decisão, o projeto de vida ajudou a construir, saber como chegar lá”.

De acordo com Soares (2002) a escola sempre poderá ser usada como uma base de intervenção e auxílio ao estudante a escolher uma profissão de forma consciente dentro de possibilidades reais. Ainda segundo a autora, a maioria das escolas não têm estimulado o sujeito no processo de autoconhecimento, nas escolas só são estudados assuntos que serão cobrados na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou vestibular, e isso acaba por desmotivar e desamparar o(a) aluno(a), já que a escola acaba não respondendo às suas necessidades do mundo social.

Poder contar com uma educação como a Escola Cidadã é de grande importância, pois não apenas prepara o estudante para o ENEM ou vestibular, mas também para a vida real, onde o mesmo é incentivado a pensar em carreira e profissão e a fazer escolhas, e além disso, são auxiliados a todo momento em como tornar essa escolha real.

Com relação aos dados obtidos na Escola Cidadã Integral Engenheira Márcia Guedes Alcoforado, localizada em Belém/PB, podemos notar que a

disciplina extra curricular “projeto de vida” também orientou e até mesmo influenciou a escolha profissional dos jovens entrevistados. De dez (10) alunos entrevistados, seis (6) citaram em seus discursos este projeto:

“No ano passado quando a escola se tornou integral e foi apresentado para a gente uma matéria extra disciplinar, que foi o projeto de vida, não que ela tenha incentivado, porque o sonho já estava ali, ela só me orientou”;

“Essa escola, eles trabalham muito com projeto de vida, então a escola me incentivou bastante”;

“Meu projeto de vida estava todo desestruturado, ano passado foi meu primeiro ano integral, então, a partir do projeto de vida que fui estruturando, porque meu sonho eu ainda não sabia o que fazer primeiro pra chegar lá, qual o degrau que eu deveria seguir”;

“Aqui como a gente tem o projeto de vida a gente sempre conversa, desenvolve uma conversa e acaba influenciando a gente a tentar aquilo”.

As orientações ministradas nessa disciplina são de fato muito importantes para a vida do(a)s jovens, pois muitas vezes, nesta fase do desenvolvimento, o(a)s adolescentes se encontram com os pensamentos ainda nebulosos com relação a tomada de decisões futuras, principalmente no que diz respeito a escolha profissional.

Outro aspecto relevante que pode ter influenciado de maneira significativa as escolhas profissionais dos jovens de ambas as escolas, foram as ações do projeto CNPq/MCTIC n° 31/2018, “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”, pois o mesmo promove palestras e oficinas nas escolas desde o ano de 2018. Vale ressaltar uma das ações deste projeto, a primeira palestra, a mesma atendeu todo o público de ensino médio das escolas, unindo 1°, 2° e 3° anos. Nesta palestra tratou-se de assuntos para gerar uma reflexão acerca da desmistificação de profissões ditas como masculinas ou femininas, além de conscientizar com relação a atitudes machistas que temos durante o nosso dia a dia. Além dessa prática aconteceram diversas ações do projeto durante todo o decorrer do ano nas instituições, todas com o objetivo de incentivar meninas a seguirem carreiras que são tidas como masculinas, ou até mesmo incentivando ao combate de qualquer tipo de violência contra a mulher.

Apesar da grande influência da escola, os alunos e alunas de Belém levantaram outros fatores que acabam por persuadir nas tomadas de decisões, um deles é a família, como podemos ver nos seguintes relatos:

“Os pais quer que os filhos sigam alguma profissão, mesmo que o filho não queira”;

“Pediatra, porque era desejo da minha mãe”;

“Policial, porque é algo que eu me identifico e, claro, tem influência do meu pai também, eu cresci vendo ele e isso me inspirou com certeza”;

“Atuar..., acho que é porque minha mãe sempre assistia novela e ela gostava, e gostava dos personagens e eu acho que eu me espelhei nisso”.

Como podemos observar nas falas dos sujeitos, a família tem alta importância e peso quando se fala de escolhas profissionais, alguns alunos se espelham em seus pais e até mesmo seguem suas orientações ou querem realizar o sonho deles.

Segundo Santos (2005), a família é apontada pela literatura como um dos principais aspectos que podem tanto ajudar quanto dificultar o(a) jovem no momento da decisão profissional.

Outro fator de grande influência, é a sociedade, Soares (2002) elenca e aprofunda seis fatores que interferem na escolha profissional, tanto de jovens, quanto de adultos - fatores familiares, psicológicos, sociais, econômicos, políticos e educacionais. O fator social e econômico se faz presente na fala dos alunos:

“Tem gente que fala vá pra tal profissão porque você vai ganhar mais, e isso influencia um pouco”;

“A sociedade passa uma visão de que é algo muito seletivo, passa um estereótipo de que as pessoas mais bonitas e que tiveram uma boa vida é que vão chegar lá”.

Em ambas as falas podemos notar que o aspecto econômico é um fator marcante para as escolhas de carreira. O primeiro jovem afirma que certas profissões são bem remuneradas e outras não, influenciando os adolescentes a escolherem as profissões de maior remuneração. Já no segundo discurso, constatamos que o discente criou uma visão de que apenas as pessoas de classe alta alcançam seus objetivos, este tipo de concepção é difundida pela sociedade de forma generalizada,

Teles (2017, p. 214) afirma que “hoje nossos adolescentes são instigados a estudar para ingressar no mercado profissional e [...] ganhar dinheiro”. Isso tem o aval da mídia e a chancela da Universidade. Assim, “dinheiro também é status”, nos proporciona possibilidades e poder.

4.3.1 Apoio familiar e escolar

Quando falamos de um apoio externo, devemos ter em mente que os principais pontos de convivência que o(a)s adolescentes tiveram no decorrer de sua vida é principalmente a família, posteriormente a escola e por fim, a sociedade de modo geral, como amigos, etc. Todos estes nichos são variantes que influenciam no posicionamento do(a)s menino(a)s em suas decisões com relação a sua identidade profissional. Pradella (2015, p.2) ressalta que “inúmeras variáveis podem influenciar [...] um adolescente que se encontra na fase de escolhas, tais como: influência familiar, amizades, escolares, midiáticas”.

Durante a entrevista com os alunos(as) de Belém, podemos constatar em suas falas que o apoio mais relevante que tiveram foi dos professores(as), esse fato fica nítido nos discursos de diversos entrevistados:

“Todos professores falavam: não desista, você é capaz, se você se empenhar você consegue”;

“O professor já me incentivou, disse que a gente tinha que persistir no que a gente quer que uma hora a gente consegue alcançar”;

“O professor me deu alternativas sobre questão de eu escolher um caminho pra ‘mim’ já entrar sendo tenente, porque tem esses meios né”;

“A maioria deles [dos professores] me incentivou, os que eu já contei qual é o meu sonho, eles dizem que se eu continuar me esforçando eu posso conseguir”.

Podemos ver a importância dessa influência positiva por parte dos docentes na fala dos alunos, e como os mesmos orientam seus alunos a seguirem seus sonhos e objetivos através de simples conversas. Silva (2011, p. 4.212) ressalta a importância do papel dos professores quando afirma que: “os professores devem ser facilitadores no sentido de despertar o interesse dos alunos para o autoconhecimento”.

Um episódio que se destacou durante as entrevistas é relacionado ao âmbito familiar, pois dos dez (10) estudantes entrevistados, sete (7) afirmaram que recebiam apoio dos pais com relação às carreiras que pretendem seguir, entretanto, não quiseram discorrer sobre o assunto, apenas uma menina falou sobre o apoio que recebe de sua mãe:

“Minha mãe, ela sempre me incentivou desde o início, porque ela sempre fala que não podia estudar na época dela, porque meus avós eram muitos rígidos, então já que eu estou tendo essa oportunidade... desde criança ela me incentivou muito”.

De acordo com Klein e Ribeiro (1991) existiam diversos motivos para que a educação não fosse disseminada de forma igualitária no Brasil, um dos principais motivos era a carência de verba, falta de professores capacitados, a má qualidade das escolas e a tradição de retenção de alunos com base nas provas; não sabemos quais foram os motivos para que a mãe da entrevistada em questão não tivesse acesso ou continuidade na educação, porém, essa é uma realidade infelizmente comum de muitos brasileiros, pois a educação não era vista como prioridade nem politicamente, nem socialmente, e diversas vezes os pais acabam por depositar seus sonhos reprimidos e inacabados nos filhos.

Quando partimos para as entrevistas realizadas na instituição escolar localizada no município de Bananeiras/PB, oito (8) dos onze (11) entrevistados relataram que já foram motivados por seus professores, dois (2) alunos citaram uma professora específica como doadora desse apoio, e afirmaram que:

“A professora [nome ocultado], ela me incentivava bastante, incentivava muito a buscar o que a gente quer”;

“A professora [nome ocultado] falou para eu seguir essa área no 2º ano e também a nunca desistir dos sonhos.”

Levando em consideração a fala dos dois sujeitos, podemos perceber que a docente em questão demonstra um papel fundamental para alguns dos sujeitos entrevistados, isso ocorre porque um “bom professor” é aquele que se mostra comprometido com seu aluno, que utiliza recursos capazes de proporcionar uma aprendizagem real e de pleno sentido (MOYSÉS, 1994).

Também é notório nas falas dos indivíduos o recebimento de apoio no “projeto de vida” da Escola Cidadã, ressaltando a importância do projeto, um(a) dos alunos(as) alega que:

“Eles me incentivam muito a focar mais nos meus estudos e no que eu quero, principalmente com o projeto de vida, que é o que eles fazem bastante, que é ajudar a gente a focar no que a gente quer”.

Já por parte da família, quando questionados se os pais o apoiaram na decisão profissional todos os entrevistados afirmaram que sim, apenas um estudante que afirmou receber apoio logo após afirmou que:

“Teve algumas pessoas da minha família que disseram que esse curso eu só vou trabalhar o dia todo e todos os dias, que não vou ter férias, vou trabalhar até nos feriados. Disseram para eu fazer outro curso, eu fiquei pensando..., mas continuo firme”.

Podemos observar que mesmo que ele(a)s não percebam, são desestimulados pelos familiares quanto a determinada escolha. É fato que a diminuição motivacional leva a uma redução no investimento pessoal para realizar as tarefas com qualidade, o que acaba por ocasionar uma baixa probabilidade dos indivíduos de ser mais competentes para exercerem a cidadania e se realizarem pessoalmente (BZUNECK 2009).

Segundo Filomeno (1997 *apud* GONÇALO, 2016, p. 39):

A estrutura familiar cria também impedimentos à livre escolha [...] de forma mais sutil, por meio de autoconceitos e opiniões expressas pelos membros familiares, ou seja, o que é falado a respeito de um curso, de uma profissão e de uma carreira.

Entretanto reconhecer tanto a influência positiva ou negativa da família, amigos e escola é importante para que o(a) jovem reflita e se posicione com mais maturidade.

4.3.2 Preconceito e desmotivação

Assim como o estímulo de forma positiva de familiares, escola, amigos, sociedade em geral, se mostram como algo de demasiada influência na vida do(a)s menino(a)s que se encontram na fase da adolescência, as atitudes negativas e desmotivações internas, muitas vezes, também influenciam a tomada de decisões, podendo fortalecer o indivíduo ou mesmo desencorajar.

Pensando no apoio que o indivíduo terá durante a vida, o primeiro e, provavelmente, mais significativo que o sujeito terá é o apoio familiar, entretanto, antes do apoio que a família trará para as futuras escolhas de seus filhos e filhas, pais e mães carregam expectativas, levando em consideração a fala de Alves (1984, p.5) sobre a infância:

O pai orgulhoso e sólido olha para seu filho saudável e imagina seu futuro.

“O que é que você vai ser quando crescer?”

Pergunta inevitável, necessária, previdente, que ninguém questiona.

“Ah! Quando crescer, acho que vou ser médico!”

A profissão não importa, desde que ela pertença ao rol dos rótulos respeitáveis que um pai gostaria de ver colado em seus filhos (e ao seu, obviamente).

Muitas vezes o(a) jovem toma decisões que acreditam ser suas e sem influência de terceiros, porém, as decisões impostas previamente pelos seus pais

se tornam presentes em seu subconsciente de modo tão enraizado que os sujeitos nem se questionam se é certo ou errado, é possível perceber a influência negativa de um pai na fala de um estudante masculino de Belém/PB, o seu pai é pastor, e o mesmo diz que:

“Eu sempre fiz teatro. E eu precisei fazer o papel de uma mulher, então eu vesti as roupas da minha mãe e a maquiagem, mas aí eu levei uma bronca daquelas, porque meu pai me mostrou o que tem na Bíblia, que o homem usa vestimenta de homem e a mulher usa vestimenta de mulher... a verdade é que ele até me ameaçou, caso eu fizesse esse erro... meu pai falou ‘olha, não é certo, homem usa roupa de homem, e mulher usa roupa de mulher... e por isso estou te punindo”.

Os preconceitos, sejam eles religiosos ou sociais, desestimulam o sujeito a seguir suas escolhas pessoais, neste caso, esse ideal estava tão nítido em sua criação, que durante a entrevista o indivíduo demonstrava certo orgulho de ter sido repreendido pelo pai. Soares (2002) afirma que as expectativas das pessoas sobre suas vidas e seu futuro estão repletas de afeto, medo e insegurança, mas não apenas os próprios, mas também de seus familiares, e muitas vezes, o peso de trazer felicidade por essas pequenas escolhas leva o jovem a não conseguir avaliar as projeções de suas vidas, pois cria a ideia que a felicidade só pode ser atingida quando as atitudes e decisões são vistas como corretas.

Nas entrevistas dos alunos da escola de Belém, notamos uma predominância nos discursos que o maior índice de desmotivação, com relação às escolhas profissionais, ocorre por parte da família. Podemos observar este fato na fala a seguir:

“É difícil, porque eu acho que ator para eles ainda é algo um pouco novo, eles apoiam mais a minha segunda profissão, que é pra ser professor de inglês. Eles apoiam mais essa, acham que essa é mais pé no chão, mais a realidade”.

Os familiares deste aluno do sexo masculino trabalham em profissões autônomas que não carecem de uma certa formação educacional para o pleno desenvolvimento das mesmas, por conta deste aspecto fica nítido na fala do aluno que seus pais preferem que ele realize trabalhos manuais, porque esses são trabalhos de “verdade” em suas visões, como podemos ver mais uma vez na fala do discente:

“Por exemplo, minha família acha que uma pessoa que é da área de educação não trabalha muito, ela acha que só as que trabalham em algo braçal é que trabalham duro”.

Se faz necessário destacar a fala de uma aluna do sexo feminino da mesma instituição, pois mostra como o machismo é predominante em seu ambiente familiar:

“Meu pai falou que estudo de mulher é igual passar a perna em besta, quando tá aprendendo, engravida”.

Entretanto, a mesma afirma que este tipo de comentário só lhe deu mais forças para alcançar seus objetivos e sonhos. Vemos que este tipo de atitude machista é passada de geração em geração, criando ideais de que a mulher serve apenas para ser dona de casa e reproduzir. Gikovate (1989) afirma que o processo de educação familiar que é transmitido a cada um de nós, as regras e os valores, são construídos pelos que nos antecederam, ou seja, essa visão antiquada com relação ao gênero feminino é algo perpetuado historicamente, perpassado de pais para filhos.

Além do desestímulo familiar, percebemos que ocorre um desestímulo por parte dos professores, com relação a profissões tidas como de difícil alcance para os discentes:

“Eles dizem: olha, você tem um déficit e pessoas com esse déficit é mais complicado, talvez você passe, mas não consiga fazer a cirurgia”;

“Já me desmotivou alguns, eles sempre diziam assim: mas você não acha que é um sonho muito grande para alguém daqui? uma pessoa daqui de Belém chegar lá no Rio de Janeiro?”.

Os docentes têm uma atitude contrária ao que deveria ser seu papel, pois segundo Silva (2011, p. 4.203) “o professor tem papel fundamental como promotor da autonomia de seus alunos para que adotem o papel de sujeito de sua própria história”. Conseguimos perceber na fala do(a)s jovens o quanto este tipo de atitudes por partes dos professores o(a)s entristece, pois ele(a)s almejavam apoio dos mesmos. Nesse caso, os mesmos ainda se mostram relutantes a esse tipo de opinião e pretendem batalhar por seus desejos.

Com relação aos alunos e alunas de Bananeiras/PB, por parte da família todos os entrevistados afirmaram que nunca foram desmotivados, mas por parte dos professores podemos observar um quadro contrario na fala de dois (2) alunos:

“Uma professora, daqui, inclusive... resumindo a história toda, ela falou que eu deveria pensar em algo que tivesse um retorno financeiro e que eu não tinha recurso para fazer isso e por isso eu não deveria fazer, ela me deixou bem desmotivada.”

“A professora ficou dizendo que não era... que não era fácil, a universidade não é boa, muito pesada, só cálculo”.

De acordo com Tapia (1999), o professor carrega um papel decisivo na melhora da motivação do estudante, pois este profissional deve ensinar a pensar e buscar didáticas e práticas que melhorem a motivação do discente, quando o profissional da educação desestimula os desejos do sujeito ele está indo contra o seu trabalho, pois a desmotivação e a criação de empecilhos para a realização dos objetivos acabam por criar a ideia de que o futuro desejado é inatingível. Levando em consideração Meirieu (2006) é um grande equívoco quando o professor faz o aluno perder as esperanças no futuro, pois na realidade o trabalho docente se baseia em convencer o indivíduo de que existe a possibilidade de um futuro vasto para eles, pois na verdade, todo o trabalho docente consiste em convencer o aluno de que, contra qualquer fatalidade, existe a possibilidade de um futuro diferente para ele.

4.4 Concepção de preconceito, discriminação, estereótipos

Quando iniciamos a análise das fala dos sujeitos acerca de preconceito, discriminação e estereótipos, se tornou claro a discrepância entre os preconceitos sofridos pelas mulheres e pelos homens nas vozes dos estudantes entrevistados em Bananeiras/PB. Ao analisar a fala dos rapazes sobre se algum deles já sofreram recriminação dos pais por conta de alguma atitude tomada, que os mesmo atribuíam ao seu gênero, a maioria afirma que não, e quando dizem que sim é sempre voltado a atitudes relacionadas a mulheres, como por exemplo na voz do seguinte indivíduo:

“Quando eu era mais novo, sim, meus pais não deixavam eu fazer atividades como: varrer casa, lavar louça e costurar, eles diziam que era para mulher”.

Já em outra fala masculina o indivíduo diz que já sofreu recriminação dos pais por:

“Brincar com as meninas, de boneca, eu sempre brinquei com meninas e meninos, e meu pai dizia para não brincar com meninas, de brincadeiras de menina”.

Dos seis (6) estudantes do sexo masculino entrevistados, quatro (4) disseram que nunca sofreram preconceito por parte dos pais sobre atitudes relacionadas ao seu gênero e apenas os dois exemplos acima afirmaram que sim, mas as atitudes recriminadas são sempre comparadas com mulheres, como se o

fato de ser mulher ou gostar de coisas que são historicamente e socialmente definidas como femininas fosse algo pejorativo e que merecesse repúdio.

Podemos perceber também que as recriminações ocorriam na infância, e de acordo com Beauvoir (1967) “Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo”, ou seja, principalmente na infância, quando o indivíduo está descobrindo o mundo, não deve ser imposto a compreensão de gênero em suas atitudes, pois segundo Beauvoir, o corpo é o instrumento de descobrimento, “desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos; têm elas os mesmos interesses, os mesmos prazeres... exploram... com a mesma curiosidade e a mesma indiferença” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Na infância isso se dá sem distinção, sem preconceitos ou recriminações.

Mas quando a mesma questão é feita para as meninas entrevistadas, é notória outra realidade acerca da recriminação por conta do gênero. De cinco (5) meninas entrevistadas na escola de Bananeiras/PB, todas relataram que já foram ou que ainda são recriminadas por conta do gênero e que sofrem preconceito por serem mulheres. Elas demonstram medo de serem estupradas apenas por suas roupas, como podemos ver na fala a seguir quando uma estudante é questionada sobre quais recriminações por parte da família e da sociedade ela já sofreu:

“Diante da questão de roupa, de aquela ideia que a roupa da mulher define ela, isso faz com que a mulher cresça com medo da sociedade, com medo de sair com um short curto na rua e ser estuprada, e ser agredida, de sofrer preconceito em alguma profissão”.

De acordo com a fala da estudante, notamos o medo dela acerca da sociedade machista, um medo real, pois segundo a pesquisa “Tolerância social à violência contra a mulher” realizada pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2014 revelou que 26% das pessoas entrevistadas concordam com a afirmação “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. A mesma pesquisa também revela que 65.1% dos entrevistados concordam que “mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar”. Pessoas essas que foram historicamente e socialmente ensinadas que mulher não deve ter ou não tem desejos, nem vontades próprias, que a maneira que elas se vestem ou se portam é para agradar terceiros e não a si mesmas e até mesmo que elas se colocam em situações de risco porque querem.

Em outra conversa, uma entrevistada de Bananeiras/PB foi questionada se alguma recriminação que ela sofreu acabou afetando a maneira da mesma se portar, e a estudante afirma que:

“Sim! A maneira de me comportar, de me impor, em várias situações eu preferi ficar calada para evitar constrangimento”.

É intrínseco na fala que os preconceitos sofridos durante a sua trajetória de vida mudaram sua maneira de viver, pois ela se vê restringida de falar apenas por ser mulher, acredita que não pode dar sua opinião, de reclamar, de expor seu pensamento. Fica claro que a recriminação se enraizou em sua essência a ponto de a mesma acreditar que sua fala é sinônimo de constrangimento. Como essa jovem poderá discutir com chefes e a própria categoria futuramente se ela ‘prefere ficar calada’?

Já outra estudante também do colégio de Bananeiras/PB diz que:

“Por eu ser mulher eu não posso fazer tal coisa, coisas do dia a dia mesmo que a gente ouve muito e que é muito machista. Eu acho que isso vem desde sempre na cabeça do povo, da sociedade, eles impõem que mulher tem que fazer isso, que mulher é dona de casa, que mulher não pode trabalhar”.

Podemos observar que as mulheres se sentem coagidas e que não conseguem viver suas vidas sem intromissão alheia, se sentem reprimidas em suas atitudes e em suas escolhas pessoais de vida. Outra fala marcante acerca de preconceito relacionados a mulher foi:

“Sofro preconceito por algumas roupas que eu uso, eu sou muito básica, aí a minha mãe repreende, a forma que eu falo e costume agir e também não costume agir calada sobre certas coisas e tem gente que quer que a gente aceite calada”.

Novamente podemos notar que as mulheres se sentem reprimidas pela sociedade de modo a não agir, se vestir, pensar e falar da maneira que querem, tanto em sua vida pessoal, quanto na profissional.

Em Bananeiras, levando em consideração as entrevistas realizadas na Escola Cidadã Integral José Rocha Sobrinho com os alunos dos 3º anos do ensino médio, é possível observar que os preconceitos e recriminações que os meninos sentem são quase nulos e quando existentes são sempre relacionado a não realizar atitudes tidas socialmente como femininas; já com as mulheres, a discussão é forte no campo de gênero e entra na esfera pessoal e no direito de ir e vir, pois elas são constantemente forçadas a restringir suas atitudes e suas vontades por não se enquadrar em um padrão de feminilidade ou até mesmo por

medo de sofrer algum tipo de violência, seja física, psicológica ou ambas, e neste momento surgem os questionamentos: o que é ser mulher? Como tenho que agir para ser uma mulher “digna”? Como uma mulher deve agir profissionalmente?

Segundo Beauvoir (1967, p. 9) “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Ainda de acordo com ela, não existe nenhuma destinação biológica, nem psíquica e muito menos econômica que definirá como uma mulher assumirá seu papel na sociedade, pois é um conjunto de preceitos sócio históricos que delineiam e qualificam o feminino no meio social, não existe outra forma de quebrar com esses estigmas a não ser se contrapor a esses mitos sobre que é ser mulher.

Ainda na esfera de preconceitos, discriminação e estereótipos, os dados obtidos na cidade de Belém/PB, foram de certa forma singulares, se compararmos com a cidade de Bananeiras, pois das cinco (5) meninas entrevistadas em Belém, três (3) afirmaram que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito de acordo com seu gênero, entretanto, uma dessas alunas que afirmou nunca ter sofrido discriminação se contradiz, quando a mesma contou episódios que ocorrem em seu ambiente familiar:

“Na minha casa é o machismo que predomina: ‘menina não faz isso’... mãe porque meu irmão pode ir pra festa e eu não? ‘Porque seu irmão é macho, ela diz’”.

A partir dessa fala podemos notar que a aluna sofre discriminações em sua casa pelo fato de ser mulher, porém demonstra negação com relação a nunca ter passado por situações preconceituosas. Esse comportamento pode ser fruto de um processo de naturalização de atitudes machistas, onde o sujeito internaliza e atribui acontecimentos sexistas como algo normal e aceitável. Na fala da entrevistada, a mesma afirma que os seus pais declaram que a moral sexual do seu irmão é diferente da dela pelo fato de ser “macho”.

O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade, tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino: Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição de inferioridade da menina (DRUMMONTT, 1980, p.81).

Nos discursos das alunas que afirmaram já ter sofrido discriminação por conta do seu sexo é perceptível os preconceitos ocorridos, a presença de padrões e estereótipos sociais como “atitudes femininas” e também percebemos a designação de afazeres apenas para mulheres:

“Algo que me afetou demais foi essa questão do game, porque eu gosto muito de jogos eletrônicos, e tipo, sempre você escutar aquelas piadinhas: “o que você tá fazendo aqui, vá lavar uma louça”.

Outra entrevistada afirma que:

“Eu sou mulher então eu tenho que varrer a casa, lavar a casa e meu irmão que é homem não, ele pode ficar deitado o tempo ‘tadinho’, sendo que ele também poderia contribuir, isso sempre acontece comigo”.

Esse tipo de pensamento é fruto do sistema patriarcal e da cultura sexista predominante no Brasil, a mulher é constantemente analisada de acordo com estereótipos de gênero, frequentemente julgada a partir do conjunto de crenças sociais principalmente por sua função de mãe e dona de casa, além de ser instituída como sexo frágil, objeto sexual, submissa ou serviçal (MARTINEZ e MUNOZ, 2009).

Os resultados obtidos a partir das entrevistas dos estudantes do sexo masculino da cidade de Belém foram semelhantes aos discursos dos alunos da cidade de Bananeiras, pois três (3) garotos dos cinco (5) entrevistados afirmaram ter sofrido algum tipo de preconceito, mas todas as discriminações citadas estavam ligadas a comparação de suas atitudes com comportamentos tidos como femininos ou “afeminados” e entrelaçados a sexualidade, como podemos observar nas seguintes falas:

“Já sofri preconceito, foi desagradável, como eu gosto muito de brincar geralmente o povo confunde muito e acha que eu sou gay”;

“Preconceito como já falei, pelo fato de praticar balé, sofri com a minha família, a família da minha namorada, professores...porque dizem que o balé é coisa de mulher”;

“Já, as pessoas esperam que eu faça coisas que não são do meu perfil...eles esperam mais que eu ajude a trabalhar em coisas braçais, trabalho direcionado para homem”.

Os preconceitos ocorridos com esses jovens são frutos de comparações acerca do que seriam comportamentos de mulher e de homem, o comportamento social desejável pode restringir a maneira como a criança e jovem se percebe, produzindo comportamentos inflexíveis, ocasionando generalizações exageradas sobre o comportamento masculino e feminino (PAPALIA & OLDS, 1998).

Os alunos demonstram que não podem manifestar suas subjetividades e interesses, pois se esses sujeitos não estiverem dentro dos estereótipos de gênero masculinos isso afetará diretamente sua sexualidade, os tornando

homossexuais, de acordo com a concepção sexista e heterossexista, principalmente de seus familiares.

4.5 Carreiras e relações de gênero

Com o decorrer da pesquisa, foi possível observar que essa divisão sexual do trabalho está sendo quebrada por parte das meninas entrevistadas, entretanto, é iminente na fala de todos os discentes que a segregação de acordo com o gênero no âmbito empregatício ainda ocorre frequentemente na sociedade. Quando analisamos as carreiras escolhidas pelos entrevistados, é possível verificar que a segregação no mercado de trabalho não foi um fator determinante para as escolhas profissionais do(a)s jovens participantes da pesquisa. De acordo com Guiraldelli (2012, p. 716):

Na divisão social e sexual do trabalho ocorre uma polarização das qualificações masculinas e femininas, visto que os homens ocupam majoritariamente determinados postos de trabalho, como é o caso da siderurgia e metalurgia, enquanto as mulheres ocupam setores como o têxtil, o comércio, dentre outros marcados pela informalidade e terceirização.

Deste modo, entende-se que as mulheres sempre estão em setores desvalorizados, ou até mesmo interligados a atribuições sociais tidas como femininas, como o ato de cuidar e atividades relacionadas ao campo materno e doméstico, enquanto os homens seguem carreiras que são prestigiadas ou que exigem uma certa “força” física.

Na escola localizada em Belém/PB, os dez (10) entrevistados, ao serem questionados sobre a questão do preconceito em alguma(s) carreira(s) de acordo com o gênero, em unanimidade, todos responderam que ambos os sexos sofrem preconceito, entretanto, o feminino é o mais afetado, em suas opiniões entende-se que isso ocorre da seguinte maneira:

“Acho que sofre sim, acho que desde muitos anos atrás, era visto que a maioria das mulheres deveriam ser professoras ou enfermeiras e as outras profissões eram mais de homens. Eu acho que acontece por causa dessa sociedade machista, que as mulheres tem que passar o dia com crianças e que os homens têm que trabalhar e dar duro. Os homens sofrem preconceito também, mas só que de forma não tão direta, porque o homem é muito criticado se ele quiser seguir uma carreira que não necessite de tanto trabalho braçal”.

Também está nítido na fala de um aluno as discriminações ocorridas no âmbito do trabalho:

“Se uma mulher diz que vai ser caminhoneira, ou jogadora de futebol, a maioria aponta o dedo pra ela. Eu acredito que a mulher sofre mais”.

Ambas as falas são de alunos do sexo masculino, eles citam que os homens sofrem discriminações, mas reconhecem que a mulher historicamente e socialmente enfrenta mais barreiras que os homens no âmbito do trabalho.

Como citado anteriormente, estes estereótipos de gênero não afetaram as decisões ocupacionais dos alunos entrevistados, todavia, um aluno do sexo masculino contou um episódio que marcou um colega:

“Eu tinha um amigo que desistiu do sonho dele de se tornar técnico de enfermagem, por conta do julgamento de todo mundo falando que só tinha ‘bichona”.

A partir de falas como essas notamos o quanto a pressão social, baseada em uma cultura sexista, muitas vezes, pode destruir sonhos e perspectivas de vida. De acordo com Verbicaro e Alcântara (2017, p. 173) “sabe-se que a indústria cultural na pós-modernidade assumiu um papel determinante no que concerne à moldagem da personalidade dos indivíduos, direcionando suas vontades, anseios e sentimentos”, ou seja, o processo cultural ao qual estamos sujeitos acaba por moldar nossas perspectivas e vontades.

Vale ressaltar a fala de uma das estudantes do sexo feminino com relação à superioridade que é instituída ao gênero masculino, até mesmo nas nomeações das profissões:

“Quando fala juiz até a palavra já vem do gênero masculino, advogado já vem no gênero masculino, porque eu acho que já vem de um preconceito, essa área se refere ao gênero masculino”.

Ou seja, foi construído uma identidade social particular até mesmo no dialeto das nomenclaturas das carreiras, valorizando o sexo masculino. Oliveira (2015, p. 34) ressalta o motivo deste ocorrido: “isto acontece devido à desvalorização da figura feminina em nossa sociedade e aos estereótipos de gênero que atribuíam apenas aos homens a vida pública e o sucesso profissional”.

No discurso de outra aluna, a mesma afirma o quanto a mulher sofre discriminação e desvalorização em certos cargos e profissões, até mesmo com relação a desigualdade salarial:

“Porque não é de hoje, sempre houve preconceito com a mulher, ela não pode trabalhar em alguns lugares, e mesmo se a mulher trabalhar no mesmo cargo que um homem, o homem geralmente ganha mais”

Segundo Oliveira (2015, p. 24) “a divisão sexual vertical do mercado de trabalho reporta-se ao fato de que as mulheres como grupo estão em desvantagem em relação aos homens, em termos de salários, ascensão funcional e condições de trabalho”, a luta das mulheres por seus direitos é algo histórico, e umas das prioridades é de fato a igualdade de gênero e salário no âmbito empregatício.

Quando analisamos as falas dos estudantes de Bananeiras/PB acerca dos preconceitos sofridos por ambos os sexos na esfera profissional todos os estudantes afirmam que existe preconceito de gênero em diversas carreiras. Quando questionados sobre o porquê que isso ocorre obtivemos a seguinte resposta de um dos estudantes:

“Os homens são melhores e têm mais força, aí as mulheres sofrem muito preconceito por... como eu posso dizer... as mulheres sofrem preconceito por não ter a mesma força dos homens. Eu acho que toda profissão todo mundo pode fazer, tem gente que acha que a força influencia.”

Podemos perceber que o sujeito afirma que os homens são, de fato, melhores que as mulheres, pois essa é uma concepção intrínseca na mente de muitos sujeitos ainda nos tempos contemporâneos. De acordo com Nader (2002) o homem foi considerado durante milênios como “o representante da humanidade”, o homem sempre foi visto pela ciência, pela arte, pelas religiões, pelas crenças e pelas inúmeras culturas como referência e modelo social, físico, linguístico, comportamental, entre outros, para moldar a sociedade e se firmar como um ser superior e o mais importante no meio social, e mudar essa concepção histórica é algo difícil e que irá demorar, desse modo, encontrar falas iguais a desse sujeito é algo compreensível.

Uma outra estudante entrevistada afirma que:

“...é uma coisa muito complicada, isso vem de muito lá atrás, que as mulheres não eram consideradas inteligentes, e até hoje, tem muita gente que tem isso na cabeça, que a mulher não é tão inteligente, por exemplo... o machismo vai direcionando a vida da mulher, mas sem querer também atinge a homens, então tipo, os homens não sofrem tanto preconceito quanto a mulher, mas sofrem preconceito, se o homem for mais pra área da licenciatura ele vai sofrer algum preconceito, a gente mal vê homens sendo professores de criancinha.”

Louro (1997) discorre que para compreender o lugar e as relações que os homens e as mulheres têm numa sociedade é necessário que seja observado não seus sexos, mas sim tudo que é socialmente construído sobre os sexos, ou seja, o

homem e a mulher não sofre preconceito nas carreiras apenas por ser do sexo feminino ou masculino, mas por toda carga sócio histórica que ambos os gêneros carregam. No exemplo apresentado pela estudante, a mesma afirma que é difícil ver homens atuando na educação infantil, e isso ocorre, pois, a educação é compreendida como uma área relacionada ao cuidado, e o cuidado é relacionado ao materno e a delicadeza.

Outro discente, quando questionado sobre a problemática aqui exposta, afirma que:

“Um homem, quando diz que quer ser cabeleireiro, a pessoa já julga ele, dizendo que ele não é homem, que ele é gay...”.

Na fala de outro entrevistado observamos uma conclusão parecida:

“Um exemplo é o costureiro, um homem que for costureiro vai sofrer muito preconceito nisso pela profissão ser relacionada a mulher, só mulheres, ou cozinheiros, que é difícil achar homem que seja cozinheiro, essas coisas, e quando são, dizem que é gay”.

Nos dois exemplos acima, percebemos que quando um homem realiza funções historicamente atribuídas ao gênero feminino o ponto colocado em questão é sua sexualidade.

Não é possível notar na fala de nenhum dos entrevistados de Bananeiras que quando um homem sofre preconceito na profissão seja pela sua capacidade de realizar tarefas, mas quando perguntamos o porquê de as mulheres sofrerem esse preconceito obtemos as seguintes respostas:

“No campo da engenharia e edificações e questões empresariais o sexo feminino sofre, porque há uma distinção e o conceito que a mulher é um sexo frágil e não consegue realizar tão bem a tarefa que um homem”;

“Isso acontece porque vem de muito lá atrás, que as mulheres não eram consideradas inteligentes”;

“As mulheres sofrem muito a questão de ser policial, advogada... pensam que por ser mulher não tem tanta capacidade”;

“As mulheres sofrem principalmente nos cargos mais superiores, de gestão... no caso o cabeça do lugar sempre é um homem, sempre, né, tipo, não sei, talvez por que a sociedade ache que o homem é mais competente, né?”

Analisando as falas dos sujeitos, o primeiro ponto notório é que a mulher sofre preconceito por não ser considerada competente e inteligente, que a mulher não tem capacidade de realizar tarefas designadas culturalmente, historicamente, eticamente e socialmente como função masculina. Mas por que se pensa assim?

Por que esses jovens, mesmo que inconscientemente, reproduzem esses estigmas, que os próprios sujeitos sabem ser estereótipos machistas e sexistas?

Desde a infância, com a literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas, todos eles refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que se explora o mundo e nele as crianças criam seu destino. A superioridade masculina é esmagadora: Perseu, Hércules, Davi, Aquiles, Lançarote, Duguesclin, Bayard, Napoleão, quantos homens para uma Joana d'Arc; os chefes de Estado, os generais, os exploradores, os músicos, os pintores são todos homens (BEAUVOIR, 1967), se essas crianças são ensinadas que tudo que se edifica no mundo foi construído, criado e liderado por homens, por que haveria de existir outra compreensão do papel e da capacidade da mulher? As mulheres são educadas a respeitar a superioridade do homem, e por isso, elas estimam que o homem ocupe o primeiro lugar, que elas não são capazes de alcançar tal posição social se não com um homem ao seu lado.

Sendo assim, mesmo que possamos notar uma ligeira mudança comportamental dos jovens das duas cidades pesquisadas, embora as meninas e meninos entrevistados compreendam este estigma sócio histórico a respeito do papel da mulher, e suas escolhas profissionais venham mudando, as meninas não querem apenas atuar em áreas vistas como “femininas” e vice-versa, quando analisamos o perfil geral dos alunos dos 3º anos das instituições, ainda podemos notar que antigos padrões sexistas prevalecem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados analisados, é notório que o processo de escolha profissional é uma parte importante da formação da identidade do sujeito, sobretudo na adolescência, que é uma fase de conflitos internos e externos, de dúvidas e de procura por referências.

Constatou-se que ambas as escolas pesquisadas auxiliam na orientação desses jovens, inclusive por determinação do modelo de educação integral que as mesmas seguem, com o projeto de vida, e que por isso mesmo, docentes têm se destacado como influenciadores ou incentivadores com relação a escolhas profissionais.

Constatou-se ainda que as famílias, que são a base educacional primária, nem sempre os motivam ou aceitam suas livres escolhas, as mesmas atuam como orientadoras de concepções pautadas no legado familiar ou em crenças religiosas, que às vezes apoiam, mas geralmente desaprovam escolhas e atitudes de seus filhos(as).

Entretanto, os alunos e as alunas demonstraram que não querem desistir de seus objetivos, apesar das desmotivações da sociedade, dos padrões sexistas criados e reforçados ainda hoje, dos 'achismos' das pessoas que opinam contrariamente suas escolhas. Eles e elas têm consciência de que nem tudo o que veem deve ser referência para suas escolhas.

Apesar das escolhas de carreira do(a)s jovens pesquisados terem mostrado uma evolução, fugindo dos estereótipos sexistas, quando analisamos todos os sujeitos que participaram do questionário, notamos que padrões de gênero que norteiam as decisões vocacionais, como por exemplo, o favoritismo por carreiras na área de humanas por mulheres, e na área de exatas por homens, padrão que enfatiza o estereótipo de que "mulher é emocional e homem é racional". Porém, os sujeitos que participaram das entrevistas demonstraram que apesar de sofrerem discriminações em sua vida social por conta de seu gênero, estes preconceitos não influenciaram em suas escolhas profissionais.

Sendo assim, os objetivos deste trabalho foram alcançados, pois foi possível constatar e identificar os fatores mais pertinentes que influenciaram na decisão do(a)s jovens investigado(a)s, assim como a carreira que pretendem seguir, também foi viável reconhecer acerca do papel da família, professores e da

escola em suas decisões. Os dados analisados foram questionáveis, pois constatamos que mesmo que reconheçam as práticas machistas e sexistas existentes na sociedade, a cultura sexista ainda se mostra muito presente na fala dos indivíduos.

As mulheres da pesquisa demonstraram que os estereótipos de gênero influenciam na sua formação profissional e pessoal, restringindo-as de realizarem atividades básicas de seu cotidiano, contudo, as mesmas não deixam que esses preconceitos e estereótipos influenciem nas suas escolhas profissionais, ou pelo menos, lutam por isso.

Com o exposto, concluímos que as duas escolas em questão detêm um vasto papel para a criação e manutenção da concepção de carreiras e de busca profissional, pois com o modelo de ensino “Escola Cidadã” implantado nas instituições de ensino, o jovem acaba por criar uma base profissional, e com as aulas de seu componente curricular: Projeto de vida, são auxiliados para a realização de seus objetivos profissionais.

Além do mais, essas escolas contaram com as ações do projeto CNPq/MCTIC n° 31/2018, “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”, que de certa forma contribui para a reflexão acerca das carreiras e das relações de gênero.

Como as duas escolas pesquisadas adotam o mesmo método de ensino, não conseguimos concluir se a percepção profissional é mais ou menos desenvolvida do que em outros colégios que não trabalham com o modelo de Escola Cidadã, porém, foi possível constatar o peso dos estereótipos de gênero na construção da identidade e nas tomadas de decisões dos sujeitos entrevistados, além do papel da motivação e desmotivação social

Por fim, essas constatações nos levam a concluir sobre a importância de trabalhos como o projeto de vida e o projeto do tipo “Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação”, para disseminar e instigar informações e reflexões sobre gênero e carreiras.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações Sobre a Tematização Social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação.** Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo. Ação Educativa. 1997.

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira; LONGHI, Márcia. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SCOTT, Parry; LEWIS, Liana; QUADROS, Marion Teodósio de (org.). **Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente.** Recife: Editora Universitária, UFPE, 2009. p. 75-96.

ALVES, Rubem. **Estórias de Quem gosta de Ensinar.** São Paulo: Papyrus, 1984.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BELLO, R. P. et al. **Correlatos valorativos do sexismo ambivalente.** Psicologia: reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 7-15, jan.-abr. 2005.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Lo Vocacional: Teoria, Técnica e Ideologia.** Espanha: Ediciones Busqueda, 1975.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica.** 11ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. Lei nº 12796, de 4 de abril de 2013. **Alteração das bases da educação nacional.** Brasília, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm. Acesso em: 22 mar. 2020.

CARVALHO, Maria Eulina. P. de. **Gênero e carreiras universitárias: o que mudou?** UFSC, 28 a 30, ago. 2006

COELHO, E. **As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro: 1822-1930.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

DRUMONTT, Mary Pimentel. **Elementos Para Uma Análise do Machismo.** Perspectivas, São Paulo, 3: 81-85, 1980.

ESPLENDOR, Elizabeth Vieira dos Santos. **Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola.** Curitiba-Pr: SEED-PDE, 2008.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, M. C. **Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. Temas em psicologia da SBP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.

Filomeno, K. **Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica.** São Paulo: Vetor, 1997.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

Foucault, Michael. **A História da Sexualidade II –O Uso dos Prazeres.** Rio de Janeiro: Graal. 1986.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. Ciências & Educação**, v. 12, no. 1, p. 117-128. 2006.

GALISA, Mariana. 2005 [On-line]. **Mulheres na pesquisa: uma realidade.** Disponível em: Acesso em: 15 janeiro 2020.

GASPARINI, Claudia. **As carreiras preferidas por homens e por mulheres no Brasil.** 2015. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/as-carreiras-preferidas-por-homens-e-por-mulheres-no-brasil/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GIKOVATE, Flávio. **Homem: O Sexo Frágil.** MG Editores Associados, 1989.

GODELIER, Maurice. **Métamorphoses de la parenté.** Paris: Arthème Fayard, 2004.

GONÇALO, Mariana Fancio. **Projetos de vida, felicidade e escolhas profissionais de jovens brasileiros: um estudo na perspectiva da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento.** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2016. (Dissertação de mestrado). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22122016-113643/publico/MARIANA_FANCIO_GONCALO.pdf Acesso em: 17 de abr. de 2020.

HIRATA, Helena. **Reorganização da reprodução e Transformação do Trabalho: Uma Nova Divisão Sexual? In BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs). Gênero, democracia e sociedade brasileira.** São Paulo, FCC: Ed. 34. 2002.

IBGE. **Diferença do rendimento do trabalho de mulheres e homens nos grupos ocupacionais.** Brasil: Pesquisa Nacional, 2018. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/694dba51d3592761fcbf9e1a55d157d9.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

IPEA. **Tolerância social à violência contra as mulheres**. 2014. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971. Acesso em: 21 mar. 2020.

LISBOA, M. D. (1997). **Ser quando crescer... A formação da identidade ocupacional**. Porto Alegre: ArtMed. (p. 109-122).

LOURO, Guacira L. **Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCCHIARI, D. H. P. **A reorientação profissional: apoio em época de crise**. *Revista da ABOP*, Porto Alegre, 1997, V.1, nº 1.

Magnuson, C. S., & Starr, M. F. **How early is too early to begin life career planning? The importance of the elementary school years**. *Journal of Career development*, 27(2), (p. 89-101), 2000.

Martinez, L. Munoz, N. **'El consumo femenino da la imagen de la mujer en la publicidad. El sexismo en las campanas publicitárias rechazadas por la audiênciã'**, *Tripodos*, (p. 149-159). 2009.

MEIRIEU, Philippe; tradução Fátima Murad. **Carta a um jovem professor**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

NADER, Maria Beatriz. **A condição Masculina na Sociedade. Dimensões**, Espírito Santo, v. 14, p.461-480, 2002.

OLINTO, Gilda. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011. Disponível: <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/issue/view/18>; acesso em 16/01/2020.

OLIVEIRA, Flávia Danielle Santos. **Liderança e Gênero: estilos, estereótipos e percepções masculinas e femininas**. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Administração, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. **Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. Administração On Line: Prática, Pesquisa e Ensino**. ISSN 15177912. Volume 2 Número 3 julho/agosto/setembro 2001. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostras_por_conveniencia.pdf Acesso em: 17 de abr. de 2020.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **O mundo da criança: da infância à adolescência**. São Paulo: Markon Books, 1998.

PRADELLA, Leticia Cristina Chiavini do Couto. **Fatores que interferem na escolha profissional e o conceito de vocação**. 2015. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de Física, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2015.

RADL-PHILIPP, Rita María. Derechos humanos y gênero. **Cadernos CEDES**, Campinas, v.30, n. 81, mai-ago. 2010, p. 135-155.

RADL-PHILIPP, Rita María. **Violencia de Xénero e violencia contra as mulleres**. Aspectos epistemolóxico-teóricos e históricos. **Encrucillada**, n. 181, janeiro- fevereiro, 2013, p. 5-22.

RAMOS, L.; BRITO, M. **O Funcionamento do mercado de trabalho metropolitano brasileiro no período 1991-2002: tendências, fatos estilizados e mudanças estruturais**. **Boletim Mercado de Trabalho**, Rio de Janeiro, n.22, p.31-47, nov.2003.

RICHARDSON, R. (coord.) et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

ROMANELLI, G. **Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola**. In: N. ZAGO, M. P. CARVALHO & R. A. T. Vilela. **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação** (pp. 245-264). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Mulheres na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 80, p. 62-74, 1992. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1004> Acesso em:

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Formal, Mulheres e Relações de Gênero: Balanço Preliminar da Década de 90**. In BRUSCHINI, Cristina & UNBEHAUM, Sandra G. (Orgs). **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo, FCC: Ed. 34, 2002.

SANTOS, Francisca Milena de Brito; CARDOSO; Geciane Eufrásio; SOUSA, Francisco Eric Vale de. **Questões de gênero nas aulas de educação física: um bate-papo sobre o assunto com discentes do ensino médio de uma escola pública da cidade de Pedreiros/MA**. In: SOUSA, Francisco Eric Vale de. (Org.) **Reflexões sobre questões de gênero nas aulas de educação física escolar**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. **O papel da família e dos pares na escolha profissional**. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf> Acesso em:

SILVA, Lígia Terezinha Bontorin Dipp da. **O jovem e a escolha profissional no século XXI**. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2011, Curitiba. Pontifca Universidade Católica do Paraná, 2011. p. 4.202 - 4.214.

SILVA, Maria Cristina da, VIEIRA, Edinaldo Luis de Araújo, PINTO, Marie Jolly Nascimento. **Currículo Escolar e suas múltiplas funções**. Disponível em: http://midia.unit.br/enfope/2013/GT8/O_CURRICULO_ESCOLAR_MULTIPLAS_FUNCOES.pdf. Acesso em 23/01/2020.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A Escolha Profissional: do jovem ao adulto**. do jovem ao adulto. 2. ed. São Paulo: Summus, 2002.

SOUZA, K. C. S. S. **As mulheres na matemática**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Católica de Brasília - UCB/DF, 2006.

TAPIA, J. A. **Contexto, motivação e aprendizagem**. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

TELES, Tayson Ribeiro. **A complexa relação egoística entre o homem e o dinheiro: uma análise teórica a partir da filosofia e da psicologia**. Revista **Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 9, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/destaques/article/viewFile/1402/1159> Acesso em: 20 de abr. de 2020.

UNESCO. 2002 [Online]. **A educação superior no Brasil**. Disponível em: Acesso em: 14 janeiro 2020.

VERBICARO, Dennis; ALCÂNTARA, Ana Beatriz Quintas Santiago. **A percepção do sexismo face à cultura do consumo e a hipervulnerabilidade da mulher no âmbito do assédio discriminatório de gênero**. Revista **Pensamento Jurídico**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.172-192, jan. 2017.

WEBER, Max. **Sociologia da dominação**. In: WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília: UnB, 1991. p. 187-223, 1991.

APÊNDICES

Questionário pré-teste:

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: _____ Turma: _____

QUESTÕES

1) Quais suas disciplinas favoritas:

() Artes () Biologia () Educação Física () Filosofia () Física () Geografia
() História () Literatura () Matemática () Português () Química () Sociologia

2) Quais as disciplinas que você tem mais dificuldade?

() Artes () Biologia () Educação Física () Filosofia () Física () Geografia
() História () Literatura () Matemática () Português () Química () Sociologia

3) Quando você terminar o Ensino Médio qual Curso você pretende fazer?

Opção 1: _____

Opção 2: _____

4) Você acha que a sociedade influenciou na sua escolha profissional? Por quê?

5) Na sua opinião os gêneros sofrem preconceitos de acordo com as suas escolhas profissionais? Que preconceitos seriam estes?

Roteiro da Entrevista Semiestruturada:

1. Qual seu nome?
2. Sua idade?
3. Onde nasceu?
4. Qual a profissão dos seus pais?
5. Quando você era criança o que gostaria de “ser”? Isso mudou? Por quê?
6. Qual curso pretende fazer? Por quê?
7. Você pretende seguir alguma área específica do curso escolhido? Qual?
8. Seus pais te apoiam nesta decisão? E seus amigos?
9. Algum professor já lhe incentivou ou te desmotivou em algo?
10. Qual foi o papel da escola nessa tomada de decisão?
11. Você acha que a sociedade influencia nas escolhas profissionais?
12. Na sua opinião, alguma(s) carreira(s) sofrem preconceito de acordo com o sexo? Quais? Por quê?
13. Você já sofreu preconceito por alguma escolha de vida? Você acha que esse preconceito ocorreu por conta do seu gênero? Por quê?
14. Seus pais já recriminaram alguma atitude sua por conta do seu sexo? Como?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES DA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012,MS.

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a influência das relações de gênero na escolha profissional e está sendo desenvolvida por Evelyn Maria Alexandre da Silva Lima e Karolayne Alves dos Santos, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Rita Cristiana Barbosa.

Os objetivos do estudo são averiguar e analisar a influência da cultura sexista na escolha profissional de jovens de duas escolas do brejo paraibano; conhecer a história dos sujeitos com relação às escolhas profissionais; demonstrar como o meio sociocultural afeta as relações de gênero e identificar as escolhas profissionais dos jovens. A finalidade deste trabalho é contribuir para o campo de estudo, possibilitando aprofundamento nos debates acerca da equidade de gênero nas carreiras, além de beneficiar a formação profissional das pesquisadoras.

Solicitamos a sua colaboração como participante voluntário(a) do questionário pré-teste e entrevista, que conta com duração aproximada de 30 minutos, como também sua autorização para registros gravados e apresentação dos resultados deste estudo em eventos e como Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Pedagogia. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto. Informamos que essa pesquisa não apresenta riscos à saúde ou à vida do(a) pesquisado(a).

Esclarecemos que sua participação (**ou a participação do menor ou outro participante pelo qual você é responsável**) no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelas Pesquisadoras. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. As pesquisadoras estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

_____, ____ de _____ de _____


Impressão dactiloscópica

Assinatura do participante

Assinatura do responsável legal

Contato das Pesquisadoras Responsáveis: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para: Evelyn ou Karolayne. Telefone: (83) 98642-6354; (83) 99170-7991.

Termo de Anuência:



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E
AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



TERMO DE ANUÊNCIA

Prezado(a) Diretor(a) da Escola _____

Solicito a colaboração e autorização desta direção para coleta de dados por meio do trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, do CCHSA, da UFPB, coordenado pela Profª Drª Rita Cristiana Barbosa.

O objetivo da pesquisa é averiguar e analisar a influência da cultura sexista na escolha profissional de jovens de duas escolas do brejo paraibano. Mais especificamente, pretende-se:

- Conhecer a história dos sujeitos com relação a escolhas profissionais;
- Demonstrar como o meio sociocultural afeta as relações de gênero;
- Identificar as escolhas profissionais do(a)s jovens.

As pesquisadoras responsáveis pelo estudo são: Evelyn Maia Alexandre da Silva Lima e Karolayne Alves dos Santos. Os dados serão coletados por meio de questionário pré-teste e entrevistas com alunos e alunas do 3º ano do ensino médio. A participação na pesquisa será voluntária e, portanto, ninguém será obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelas pesquisadoras. Caso haja decisão de não participar do estudo, ou a qualquer momento desistir do mesmo, ninguém sofrerá nenhuma restrição ou dano. As pesquisadoras estarão à disposição para esclarecimentos de quaisquer dúvidas durante todo o processo da pesquisa.

Solicito ainda a permissão para a realização de registros gravados, em que a identidade de pessoas será resguardada, como também autorização para apresentação dos resultados deste estudo em eventos e como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Na apresentação e publicação dos resultados, todos os nomes próprios serão mantidos em sigilo.

Na certeza de contar com vossa atenção, apresento votos de estima e consideração.

(Assinatura do Diretor)

(Assinatura da orientadora da pesquisa)

Contatos das pesquisadoras Responsáveis:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com as pesquisadoras Karolayne e Evelyn. Telefones para contato: (83) 9 9170-7991; (83) 98646354. Professora Rita Cristiana Barbosa, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, Departamento de Educação, Universidade Federal da Paraíba-Campus III-Bananeiras-PB. Telefones para contato: (83) 3367 5564; (83) 999842390.